



Luglio-Agosto 1993

QUADERNI SAVERIANI

SANTO DOMINGO 1992

COMMENTI

41

Complix



Luglio-Agosto 1993

QUADERNI SAVERIANI

SANTO DOMINGO 1992

C O M M E N T I

41

Complix

INDICE

Presentazione	pag.	3
São Domingos, os sinais dos tempos	»	5
Perspectivas de futuro	»	12
Santo Domingo, an interpretation	»	18
Santo Domingo, un ajuste pastoral	»	24
Un'agenda di impegni per i cristiani latinoamericani	»	31
Les communautés de base au tournant	»	38
NOTIZIE	»	45

Carissimi fratelli,

La missione è strettamente legata alla inculturazione. Un minimo di inculturazione è condizione per la stessa comprensione del Messaggio e per la sua accettabilità. Addirittura l'inculturazione può essere vista come l'obiettivo della missione: far entrare il Vangelo nella struttura spirituale di un gruppo umano e costituirne il contenuto stesso. (Come il sangue che servendosi di tutte le ramificazioni arteriose e venose entra in tutto il corpo e lo vivifica). L'inculturazione è la via per superare lo stacco tra vita e Vangelo, sia a livello individuale che pubblico.

Tuttavia, per attuarlo correttamente, anche questo processo così necessario va visto con la consapevolezza critica dei suoi limiti. Ciò che non sembra avvenire frequentemente. Il discorso sulla inculturazione è fatto oggi in modo da rivendicare soprattutto i "diritti" di ogni cultura: si solletica così l'egocentrismo di gruppo e si dimentica che anche le culture debbono cambiare, per crescere, nella relazione e nel confronto.

Ogni cultura difatti, fosse pure ricchissima, non può chiudersi in se stessa con autosufficienza, ma deve confrontarsi con le altre culture e già questo fatto chiede atteggiamento critico e disponibilità al cambiamento. E come non si è adulti fino a quando non si è in grado di dare e ricevere in un contesto di libera comunicazione così una cultura deve ancora crescere fino a quando non è in grado di sostenere il confronto e dare il suo contributo nel dialogo con le altre culture. E non è da pensare che sia ovvia o facile questa capacità, anzi...

Oggi inoltre ogni cultura deve confrontarsi con la modernità, almeno se ne vuole i frutti. E' inevitabile perciò una interazione con la razionalità scientifica e l'efficienza organizzativa. Ma l'incontro con questi fattori inevitabilmente trasformerà le culture e questa trasformazione potrebbe essere anche sconvolgente...

Ma la cultura deve soprattutto confrontarsi con il Vangelo e il suo Spirito. E ciò significa che deve convertirsi. Non esiste difatti una

cultura ideale, pienamente umana o già cristiana. E anche quando una data cultura materialmente ha molti elementi di umanità e di rispetto della persona umana (penso per es. alla cultura giapponese) ci si può sempre interrogare se questo rispetto è davvero universale, aperto al Trascendente e vissuto con la libertà propostaci dal Vangelo.

Ma soprattutto quando l'inculturazione sembra compiuta occorre avere la massima vigilanza. Quando il Vangelo difatti è tanto entrato in una cultura da essere tradizione, festa, folklore, arte, legge sociale, modo di pensare e di comportarsi... si corre il pericolo del trionfo della legge, della continuazione delle vecchie abitudini sotto la nuova verniciatura apparentemente cristiana, della preminenza del costume sulla responsabilità delle persone e quindi del formalismo e della ipocrisia.

La inculturazione è come una incarnazione: porta inevitabilmente i limiti di ogni concretizzazione storica. Ha quindi una duplice faccia: è idealità che rinnova la storia ma è anche storia che limita lo spirito; è crescita di una cultura ma anche incapsulamento del Vangelo.

Il Vangelo, invece, deve conservare la sua riserva critica nei confronti di ogni cultura; è anzi questo uno dei più grandi servizi che esso può rendere all'umanità. L'inculturazione esige quindi che la cultura si trasformi secondo i valori evangelici e questa trasformazione è sempre provvisoria e incompleta.

In conclusione suggerirei per ognuno di noi un esercizio che credo fruttuoso: quello di leggere la propria cultura di origine alla luce del Vangelo e cercare di scoprirne i limiti e le contraddizioni. (Da parte mia, spero di poter presentare, in uno dei prossimi numeri, un tentativo di lettura critica della cultura mediterranea e italiana...). Sono convinto che un esercizio del genere ci renderà più facile il rapporto corretto con le altre culture e ci aiuterà quindi nella fraternità saveriana.

Cordialmente vostro
Francesco Marini sx

SÃO DOMINGOS

Os sinais dos tempos

Toda escolha é uma cruz. Toda leitura é uma re-leitura. Toda interpretação é parcial no duplo sentido de abarcar somente parte do texto e desde um ponto de part-ida.

A escolha dessa leitura parcial é o eixo dos sinais dos tempos que atravessa o segundo capítulo da promoção humana. Desde aí, pode-se fazer uma interpretação mais consentânea com a caminhada da Igreja na América Latina e com o trabalho feito pelos bispos nos grupos temáticos, nem sempre bem refletido no texto final, por causa de suas vicissitudes redacionais...

Lugar hermenêutico dos sinais dos tempos.

A teologia dos sinais dos tempos assumida pelo documento insere-o no movimento da TdL (= Teologia da Libertação). Não é difícil mostrar como a TdL é, na verdade, uma teologia dos sinais dos tempos. A especificidade, originalidade e singularidade da TdL consiste em trabalhar a pergunta levantada pela situação, pela realidade humana e histórica, analisada com mediações sociais, à luz da revelação divina. Temos, portanto, uma realidade, sua análise social que lhe desvenda o

caráter desafiante e o confronto com a revelação em vista de uma ação.

A teologia dos sinais dos tempos consiste precisamente nisso. Assume um dado da realidade - o fato do sinal dos tempos - analisa-o como desafio à luz da fé e decide linhas pastorais. Autores críticos da categoria dos sinais dos tempos tinham percebido isso, ao criticarem, ao mesmo tempo, a pertinência de tal categoria e o método da TdL.

Sem mencionar uma vez sequer a TdL, o documento trabalha implicitamente com seus pressupostos teóricos nesse capítulo. Neste ponto, São Domingos situa-se realmente na continuidade com Medellín e Puebla. A verdadeira continuidade entre São Domingos e a tradição Medellín-Puebla dá-se em nível mais profundo que a literalidade do texto, onde aparecem rupturas.

Neste sentido, a interpretação de São Domingos vai permitir certa ambigüidade. Autores que recorrem a uma leitura literal do texto, poderão, sem dúvida, propugnar rupturas e desvio de rota em relação à tradição Medellín-Puebla. E encontrarão base textual para tanto.

Outros que trabalharem de preferência a inspiração profunda, traços metodológicos subjacentes, a teologia implícita, as opções básicas feitas, o horizonte principal, o imaginário teológico encontrarão profunda sintonia com a tradição teológica e pastoral da libertação nas pegadas de Medellín-Puebla.

Alguns pontos revelam esta ambigüidade. O termo "libertação" praticamente desapareceu do texto. Aparece uma vez sem adjetivo, duas vezes com a especificação de libertação integral, uma vez em relação ao pecado e uma vez na citação da *Evangelii Nuntiandi*, enquanto o termo reconciliação aparece 10 vezes, sem falar das vezes em que se refere ao sacramento da reconciliação.

Esta mudança de vocabulário não é textualmente ingênua. Se se compara com Puebla, vê-se a enorme diferença. O documento de Puebla está atravessado por esta palavra que se repete como verdadeira ladainha. Em São Domingos, temos o silêncio. Sobre a TdL é o silêncio total. Aliás também em Puebla.

E por sua vez, o termo reconciliação entra, em parte, no seu lugar. E qualquer teólogo medianamente informado percebe o significado desse deslocamento de vocabulário já que no Peru se alimenta uma teologia da reconciliação exatamente como superação e, em cer-

tos setores mais ideologizados e radicalizados, como banimento da TdL e, se possível, do termo libertação. E tais setores nutrem persistentemente essa mudança.

Contudo, se se vai ao mérito da questão, o termo reconciliação pode traduzir também a riqueza semântica do conceito libertação, desde que seja entendido no horizonte da transformação social. Uma reconciliação social não acontece sem uma devida reparação das injustiças, das expropriações, das explorações, das dominações passadas e continuadas. Ora, a reparação no campo social só se produz através de uma transformação social, o que o termo libertação quer exprimir. Evidentemente tal ginástica semântica poderia ser simplesmente evitada pela continuação do termo libertação.

Além disso, a temática da libertação é tratada ainda sob as formas da promoção humana e da luta entre a cultura de vida e cultura de morte. Viu-se acima como a promoção humana foi tratada com a matriz dos sinais dos tempos de estreita homologia com a TdL.

Já faz alguns anos, a TdL tem também desenvolvido muito a problemática da cultura de morte e cultura de vida, como a tensão radical de nosso continente. De fato, o projeto utópico da libertação vem sendo trabalhado na teologia sob o binômio vida e morte. De um lado, a realidade social do continente é analisada como uma cultura de morte e a

maneira mais radical de criticá-la e opor uma proposta de superação, num jogo dialético de gratuidade e justiça, é mostrar que o nosso Deus é um Deus de vida, que quer a vida exigindo de nós um compromisso com esta vida na luta pela justiça. No fundo, levanta-se a pergunta angustiante de que significa pensar e pregar o Deus da vida num continente de morte, em que esta chega "antes do tempo".

E São Domingos esposou este binômio cultura de vida e cultura de morte. Ele constata que na América Latina "crescem a cultura da morte, a violência e o terrorismo, a toxicomania e o narcotráfico. Desnaturaliza-se a dimensão integral da sexualidade humana, faz-se de homens e mulheres, inclusive de crianças, uma indústria de pornografia e prostituição; no âmbito da permissividade e promiscuidade sexual, cresce o terrível mal da AIDS e aumentam as enfermidades venéreas". Contrapõe a ela a cultura de vida, que é a libertação.

O tema da vida recebe, ao lado da família, um relevo especial, a ser considerado pelo documento como "desafio de especial urgência da promoção humana". Afirma-se a defesa total da vida, a partir do princípio teológico de que Deus é o Senhor da vida e da qual o homem não é árbitro nem dono. Mesmo falando diretamente da família, o texto re-

fere-se, mais de uma vez, à pobreza, à miséria, à situação sócio-econômica como alimentadoras da cultura de morte.

Na linguagem, o texto revela uma ruptura com Medellín-Puebla. Mas no conteúdo persiste uma continuidade de tradição. O trabalho teológico consiste, portanto, em mostrar, de um lado, as mudanças textuais, mas, por outro lado, em resgatar a continuidade fundamental. Tal esforço teórico não é honesto intelectualmente, mas é o único que faz jus ao texto, pois ele estabelece como critério fundamental de interpretação a solene declaração, no início, de estar em "continuidade com as (conferências) precedentes do Rio, de Medellín e de Puebla" e termina reafirmando a mesma continuidade.

A escolha dos sinais

Os sinais dos tempos são inúmeros. O critério de escolha é antes intuitivo que racional. Nasce de preferência da experiência, que do estudo. Assim os bispos, que escolheram esses sinais sob a forma de temas que trabalharam nos grupos, basearam-se certamente em sua experiência pastoral. Neles se reflete a vida do povo com seus sofrimentos e lutas.

Encabeça-os a afirmação dos direitos humanos em contraste com o crescimento das violações que eles

sofrem em nosso continente "não só pelo terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades".

A ecologia, a terra, o empobrecimento e a solidariedade, o trabalho, a migração e o turismo, a ordem democrática, a nova ordem econômica, a integração latino-americana, a família e a vida completam o perfil.

Diferentemente de Puebla, que teceu uma visão sócio-cultural ampla, grave e escandalosa da realidade latino-americana no início, São Domingos encaminhou-se por outra via metodológica. Situou na abertura do texto uma confissão de fé. E o quadro da realidade esgarçou-se pelo texto a fora. É sobretudo no capítulo da promoção humana sob a categoria dos sinais dos tempos que se escondem muitos problemas sociais e econômicos. Eles conseguem, no seu conjunto, oferecer um quadro dramático da situação social do continente. Mas o leitor terá que ir recolhendo as pedrinhas dispersas e construir o mosaico.

Natureza dos sinais

Uma simples leitura faz perceber a natureza profundamente sócio-política desses sinais escolhidos. De certo modo, eles invertem a linha

dominante da opção de São Domingos.

Com efeito, São Domingos inscrevera-se sob o signo do cultural. Os temas indicados pelo Papa - nova evangelização, promoção humana e cultura cristã - ou versam diretamente sobre cultura ou se deixam interpretar a partir dela. O trajeto teórico se faz do cultural para o social de modo que a dimensão sócio-analítica não comanda o processo mas é comandada pela instância cultural.

Tal movimento iniciara-se fortemente já nos anos de preparação de Puebla. Entretanto Puebla reafirmou com toda clareza a dimensão sócio-analítica, ao traçar o quadro da realidade sócio-cultural bem aliçado nas estruturas sócio-econômico-políticas.

Em São Domingos se consumou a predominância da instância cultural ainda que já não vista em oposição ao sócio-econômico e político, mas de maneira englobante. Contudo nesse capítulo da promoção humana volta a predominar a dimensão sócio-política com irradiações no campo cultural. Com isso, chega-se, de novo, a um equilíbrio sadio de modo que as dimensões sócio-analíticas estruturais se articulam com a esfera cultural. Por mais essa razão, este capítulo aproxima-se da tradição da teologia e pastoral da libertação.

A escolha desses sinais permite uma abertura da pastoral da América Latina quer aos movimentos populares do Continente, quer a movimentos sociais mundiais. Assim, em termos latino-americanos, há muitos movimentos que se deixam entender sob o signo da luta pela terra (movimentos dos sem-terra), pelos direitos humanos (todos os movimentos de defesa dos desaparecidos, banidos), pelo trabalho (movimentos sindicais urbanos e rurais), pelo fortalecimento da democracia no continente, pela integração latino-americana, etc.

Em termos mundiais, o documento abre-se ao movimento ecológico, pelos direitos humanos em todo o mundo, pela nova ordem econômica mundial. Entretanto, silencia-se o movimento feminista, ainda que se mencionam explicitamente as agressões contra as mulheres em vários campos.

Entre os sinais, alguns revelam preocupação com a atual situação de empobrecimento, de condições horribéis de trabalho, de violação dos direitos fundamentais, da situação dos migrantes, etc. Outros, por sua vez, refletem traços utópicos para onde a pastoral latino-americana pretende caminhar: defesa dos direitos humanos, criação e/ou fortalecimento da ordem democrática, nova ordem econômica, integração latino-americana.

O novo horizonte de São Domingos

Por mais rico ou pior que no texto seja, ele vai criando um horizonte simbólico que lentamente vai ocupando o lugar das letras. Assim é possível que um texto muito rico termine pobremente relegado a material de investigação de dissertações acadêmicas. E, por sua vez, outro texto de menor relevância adquira renome e crie um imaginário importante.

O texto de Medellín é curto, academicamente falando, não tem nem de longe a importância que o imaginário teológico-pastoral de Medellín ocupa na caminhada da Igreja da América Latina.

A pergunta decisiva sobre o documento de São Domingos gira em torno de que imaginário teológico-pastoral ele vai criar. Tal fato não depende voluntariamente de indivíduos, nem está, sem mais, ligado à intenção, santa ou maquiavélica, de pessoas que trabalharam diretamente na redação do texto.

Fundamentalmente cabe à Igreja latino-americana, que o recebe com sua vida, suas comunidades, sua pastoral, sua teologia principal, seus agentes de pastoral, ir criando esse imaginário. Naturalmente o texto propicia elementos para tal imaginário.

Tentando articular o texto com a caminhada teológica e pastoral da Igreja latino-americana desde os

idos anos do pós-concílio, tudo leva a crer que o imaginário de São Domingos confirma e amplia o horizonte simbólico de Medellín-Puebla.

Antes de tudo, a própria Assembléia sente-se, em sua consciência colegiada, em continuidade fundamental com Medellín e Puebla, mesmo que o seu desenrolar tenha sido tão atropelado e perturbado por injunções externas a esta tradição. O texto faz questão de afirmar solenemente tal continuidade no início e no fim até mesmo em forma de oração.

Os marcos da tradição de Medellín e Puebla foram a opção pela libertação dos pobres, a relevância das CEBs, a irradiação da dimensão de libertação aos diversos setores da vida da Igreja e da pastoral, a afirmação de uma teologia latino-americana da libertação, as opções pelos jovens, por uma Igreja particular de comunhão e participação, pela defesa da pessoa humana, pelos construtores de uma nova sociedade na América Latina. Este conjunto de elementos decantou-se em duas palavras: pobres e libertação. Não se pode pensar Medellín-Puebla sem falar da opção pelos pobres e do processo de transformação do continente numa linha de libertação. Tudo o resto se deixa interpretar dentro desse imenso imaginário teológico-pastoral.

São Domingos afirma a mesma realidade, mas de maneira diferente. Esta diferença permite que se vá ampliando este imaginário de Medellín-Puebla. Em feliz expressão de Dom Luciano Mendes de Almeida, a opção pelos pobres toma carne hoje em nosso continente de modo ainda mais dramático na forma de uma "opção pelos miseráveis". A realidade pobre já é fraca para exprimir a terrível situação do continente. Os pobres se tornam miseráveis, excluídos. É a anti-cultura de morte que impera. Em oposição, a opção pelos miseráveis, excluídos se transforma na busca de participação em todos os níveis da sociedade e da Igreja.

Os termos "opção pelos miseráveis", "a terrível exclusão" de pessoas, grupos, etnias, nações, povos, de um lado, e o anseio de solidariedade, de participação configuram, sem dúvida, um dos traços, que parecem fundamentais de São Domingos.

Outro eixo situa-se no campo da cultura. O horizonte de São Domingos amplia-se ainda mais. Não se trata de criar uma cultura cristã, como, num primeiro momento, pareceu ser o caminho assumido, mas de realizar uma "evangelização inculturada" nas culturas afro-ameríndias e na cultura moderna.

No horizonte da utopia, o documento abre amplas perspectivas

para um imaginário criativo e mobilizador. Fala da necessidade de uma solidariedade latino-americana. No momento em que se formam os megablocos econômicos que excluem o Terceiro Mundo, como massa sobrando, a comunhão entre os povos das Américas é fundamental.

Nesse projeto sócio-cultural, reconhece o texto a necessidade de alianças com movimentos e projetos mundiais (ecologia, nova ordem econômica internacional em linha diferente da formação corporativa dos megablocos, luta pela vida em todos os níveis, luta pelos direitos humanos), de um lado e, de outro, com movimentos internos ao continente e países (luta pelos direitos humanos na América Latina, luta pela reforma agrária, luta sindical, defesa da democracia, etc). E nessa aliança, a Igreja perde uma consciência triunfalista e aceita tra-

balhar com, colaborar e não ser, sem mais, a protagonista. Deste modo supera-se um eclesiocentrismo eclesiástico, para abrir-se às causas sócio-políticas, culturais mundiais, continentais ou nacionais. E nessa luta reconhece-se o protagonismo dos leigos.

As palavras-chaves de São Domingos parecem ser: opção pelos miseráveis e excluídos na linha da participação, uma evangelização inculturada no mundo das culturas afro-ameríndias e moderna e uma abertura para os grandes problemas mundiais e do continente. Horizonte que só será criado se a teologia e a pastoral de nossa Igreja assumirem corajosamente tais opções. Faxit Deus !

Pe. J.B. Libanio, S.J.

SIAL, 15-31 marzo 1993

PERSPECTIVAS DE FUTURO

El documento final

Hubo participantes en Santo Domingo que han comparado el evento con el trabajo de los que buscan diamantes en los ríos: toda una montaña de piedrecitas, mucho trabajo durante mucho tiempo...; pero, cuando se descubren brillantes, aunque sean muy pequeñitos, todo lo anterior mereció la pena.

Las discusiones, las propuestas, las intervenciones son importantes y necesarias, pero no constituyen por sí solas un documento. De hecho, hasta el último día, algunos países se inclinaban a quedarse solamente con algunas líneas pastorales. *No estamos para hacer un documento, decían ellos, sino para hablar sobre América Latina y el Caribe y sobre nuestras Iglesias: seremos cartas vivas de este evento.*

De todos modos, es evidente que el documento es menos que la Asamblea y ésta aún menos que la vida que el Espíritu de Dios va desarrollando en las Iglesias. La convivencia y la misma Asamblea tuvieron imponderables que el texto no pudo recoger.

En Santo Domingo aconteció lo que pasa siempre en todas las Asambleas Episcopales: sólo se recoge lo que cabe en los cestitos...

El documento final sufrió las consecuencias de los embates ideológicos y no podía ser de otro modo. Cada tendencia teológico-pastoral, cada movimiento, cada grupo procuró dejar algo escrito, al menos una frase que apoyara su visión eclesial o un punto que les parecía esencial para la sobrevivencia de la Iglesia en estas partes del mundo.

El resultado fue que el texto, en varios puntos, se quedó en algo muy parecido a una ensalada...

Personas más críticas dicen que resultó difícil reunir coherentemente las diferentes piezas y propuestas que al final puedan ser del gusto de todos...; cada cual puede en definitiva encontrar en el documento de Santo Domingo algo que apoya su modo de vivir y actuar en América Latina y el Caribe.

Los más optimistas creen que hay intrínsecamente continuidad con Medellín y Puebla...; pero eso parece que estuvo más presente en las comunicaciones orales y en los diálogos personales o de grupos que en el mismo texto oficial. Es cierto que algunas partes ofrecen buen material, como todo lo dicho a propósi-

to de la Promoción Humana, lo que se refiere a las Culturas, las Líneas Pastorales, así como la Cristología del Mensaje Final...

Dos líneas teológico-pastorales

El documento es una trama de dos líneas teológico-pastorales.

Una línea que corre más tradicional, preocupada por presentar una exposición doctrinal completa sobre Jesús; y ésta en forma de manual clásico, sin inculturación y casi fundamentalista.

No se insiste en que Jesús es el Hijo de Dios y de la *mujer*. No aparece, en esta cristología, una perspectiva decididamente Trinitaria; por el contrario, puede quedar la impresión de una especie de cristología monística: se habla de Jesús, de quién es, y no tanto de lo que Él anunció. Así: la referencia al Reino es demasiado limitada; el Cristo-Hombre casi desaparece; la profesión de fe inicial, muy válida y novedosa en sí como hecho comunitario y oficial, parece más un texto de estudio que algo vivido.

La eclesiología en general privilegia vigorosamente a la jerarquía, no al Pueblo de Dios. A diferencia de la "*Evangelii Nuntiandi*", no da una perspectiva total del Reino de Dios. No ofrece nuevas semillas y hasta permanece silenciosa sobre puntos importantes de la andadura

latino-americana: la teología de la liberación - se habla en el documento de una teología de la "reconciliación", como alternativa a la de la "liberación"-; se llega a hablar de las víctimas, pero jamás de los verdugos; no se toma en consideración la inserción de la vida religiosa; el papel profético de la CLAR; el uso más profético de la Biblia; la presentación de las CEBs es insulsa, inferior a la de Puebla y aún más a la de Medellín. Se insiste principalmente en dos desafíos: la familia y la secularización. Las ausencias son elocuentes: no se hace un análisis de la realidad y de la historia (ni se menciona la tensión Norte-Sur como cuestión clave...). La Biblia se cita, claro (faltaría más...!), para confirmar lo dicho, pero no hay un "estilo", un "modo" bíblico sobre lo que se dice y cómo se dice. No hay citas de los Padres de la Iglesia - solamente una de Diogneto -; pero, al mismo tiempo, hay profusión de citas de los discursos pontificios.

Otra línea más encarnada surge en varias partes del texto. Aparece más explícitamente en el mensaje final, presentando una cristología a partir del texto de Emaús. Es más inculturada, porque procura unir fe y vida.

Presenta a un Jesús que está en camino con su pueblo: Él de hecho se revela en el caminar; reparte el pan; reconstruye la esperanza, hace la manifestación más íntima y profun-

da de su misión y persona e inspira el volver a asumir inmediatamente la misión...

Explicita una teología que vuelve a tratar de la promoción humana, la inculturación, el problema de los pobres, la temática de la tierra, la lucha por los derechos humanos como clave del diálogo con la modernidad. Aquí debo referirme de nuevo al texto de Ex. 3,7 bastante subrayado por la reflexión liberadora: He visto la aflicción de mi pueblo...!

La cuestión de fondo

Aunque lo más evidente en el documento publicado es la cristología, de hecho la cuestión de fondo fue la eclesiología. A causa de la doble línea mencionada, muchos puntos adolecen de ambigüedad; por ejemplo:

- La Iglesia ¿ es todo el pueblo de Dios o prevalentemente sólo la jerarquía?
- ¿Cuál es la función de la Iglesia en la evangelización? ¿ Quién es el sujeto del proceso... la jerarquía ..., toda la comunidad?
- La Iglesia ¿ es de verdad fermento, sal, luz, o queda diseñada más como organización poderosa, intolerante, centrada en sí misma?
- La misma Iglesia que propuso nuevas tareas, como la inculturación, la promoción humana, etc. ¿ se reveló en las demás partes del mismo Documento coherentemente inculturada?

- En la perspectiva de la inculturación, ¿ cómo queda la autonomía - mencionada por el Vaticano II - de las Iglesias particulares latinoamericanas y caribeñas en relación a Roma ?

- ¿Cuál es el papel de las Conferencias Episcopales y del CELAM ?

- Las líneas pastorales, consideradas por la mayoría de los obispos como una de las partes más importantes del Documento, tendrán exigencias y consecuencias muy diversas según sean interpretadas desde una eclesiología del Pueblo de Dios y de la misión que tiene como horizonte el Reino o desde otra referencia eclesiológica. Entonces, ¿ a partir de qué eclesiología hay que entenderlas?...

Los puntos positivos

Quien ama a la Iglesia desea reconocer y valorar los puntos positivos del Documento, haciéndolos más explícitos. Vale la pena mencionar algunos:

- En el texto hay una unidad cristológica: se proclama pública y oficialmente la centralidad de Cristo (Jesucristo: Evangelio del Padre, Evangelizador viviente en su Iglesia, Vida y Esperanza de América Latina).

Como consecuencia de esto, se explicita la nueva evangelización, la promoción humana y la inculturación y se establecen líneas pastorales.

- El texto no contiene condena-

ciones, deja libertad para continuar la andadura pastoral que se viene realizando.

- La opción por los pobres permaneció intocable. Nadie la cuestionó: fue un dato repetido con normalidad.

- El capítulo sobre la promoción humana es el que mejor expresa la andadura de América Latina. La pro-

moción humana es la dimensión privilegiada de la nueva evangelización ... el primer camino a recorrer en la misión de la Iglesia.

- La inculturación fue ciertamente la mayor novedad de la Conferencia de Santo Domingo. Novedad, por un nivel superior de mayor conciencia y por la toma de postura colectiva del episcopado...

Estrategias

A pesar de los avances, retrocesos o estancamientos de la Asamblea Eclesial de Santo Domingo, permanece la realidad desafiante: el dolor y la miseria del pobre, como individuo y como realidad socio-estructural, ha aumentado de manera alarmante. La Iglesia tiene la responsabilidad de ser, en particular para los más necesitados, la *Buena Nueva* y el *Buen Acontecimiento* de Jesús. En función de esa misión, los avances del Documento deben ser tomados en consideración y potenciados y las equivocaciones o debilidades, asumidas y superadas. Por eso se habla de estrategias.

Recuperar la interpretación del texto, contextualizándolo.

Se trata de:

- situar el texto de Santo Domingo en la coyuntura socio-ecclesial en que fue elaborado, tomando conciencia de los pasos positivos y también de las fuerzas paralizadoras

que influenciaron el mismo texto;

- situar el texto en coherencia con la andadura de América Latina-Caribe, que viene desde el Vaticano II, pasando por Medellín y Puebla, y que fue recogida en los textos preparatorios de Santo Domingo, como la "Secunda Relatio" y el "Documento de Trabajo";

- confirmar y dar continuidad a los pasos anteriores, abriéndoles nuevas dimensiones; por eso mismo, sigue firme la opción ecclesial comunitaria por los pobres - personas, grupos y países - como postura pastoral fundamental, que orienta el conjunto de la vida de la Iglesia y de su misión.

Valerse de la actual motivación existente

- Tomar en consideración el interés despertado en torno a Santo Domingo, sacando todas las consecuencias de lo que ya está explícito en el Documento; por ejemplo, la incultu-

ración catequética, litúrgica, etc., a pesar de sus deficiencias analíticas y teológicas y de la ausencia de perspectiva ecuménica liberadora.

Valorar lo que hay de positivo en el Documento

- No tomar las deficiencias o debilidades del texto como arma de agresión para debilitarlo o anularlo; al contrario, garantizar un ámbito de referencia eclesial que potencie lo válido, al mismo tiempo que lo pone en una línea de continuidad con el proceso latinoamericano y caribeño.
- La defensiva no es una buena postura ni atrae nuevas adhesiones: es importante conquistar gente nueva para la causa común: potenciar la fe popular y las prácticas eclesiales de América Latina y el Caribe.
- Distinguir entre un necesario testimonio profético y lo que es mera provocación.
- Valorar el potencial liberador de la religiosidad popular católica, su adhesión eclesial y su fe en Jesucristo, explicitando sus consecuencias a nivel individual, eclesial y social.

Se trata de mantener y renovar importantes prácticas pastorales, como: las Comunidades eclesiales de Base; la lectura comunitaria (pastoral) de la Biblia; los nuevos ministerios no-ordenados; la vida religiosa inserta; la reflexión teológica latinoamericana; la espiritualidad, el testimonio y el reconocimiento de

los mártires; el ecumenismo y diálogo con las religiones no cristianas; el compromiso político de los cristianos, a partir de la educación de base y el de las organizaciones y movimientos populares.

Dar protagonismo a los seglares

- Revelar a los seglares, en particular a las mujeres - a las que Jesús hizo *apóstolas* de los propios apóstoles -, todas sus posibilidades de ser sujeto pastoral, en comunidad. En consecuencia, crear espacios y estructuras que realmente permitan a los laicos moverse y que puedan creer que realmente están siendo tomados en serio.

Mantener o crear articulaciones para el apoyo mutuo y la comunicación de experiencias

- Todo aislamiento eclesial debilita el esfuerzo común de la evangelización. Lo más esterilizador que podría ocurrir después de Santo Domingo sería que cada área o grupo, sea por autodefensa o por desánimo del "colectivo", se encerrara en sus propios proyectos, renunciando a la siempre exigible y rica comunión con los demás de América Latina y el Caribe.
- La riqueza de talentos y de creatividad existente en las Iglesias locales es un patrimonio común que no se puede ignorar o perder.

Rescatar la esperanza evangélica y la espiritualidad subyacente

- Dar testimonio de un fuerte sentido de esperanza en el Dios de Jesús, que camina con su pueblo; en Jesús, que está vivo en su comunidad; en el Espíritu, que es siempre capaz de hacer nuevas todas las cosas; esperanza de que los protagonistas eficaces del Reino son personas que incluso pueden estar siendo excluidas de las instancias del actual poder social, político y aun eclesial ..., gente que no tuvo oportunidad de colaborar en la preparación o en la Asamblea de Santo Domingo, pero que tiene voz, lugar e importancia dentro del pueblo de Dios.

- Decía un obispo que el Documento parece "espiritualista": habla todo el tiempo de cosas espirituales, pero "está vacío de espiritualidad".

Esta impresión puede ser superada por el esfuerzo de rescatar una espiritualidad subyacente en el texto. Se trataría de subrayar los puntos fundamentales de fe en los cuales se pueden encontrar todos los miem-

bros de la Iglesia. "Jugarse el tipo" a fondo por lo que es realmente esencial, sin despreciar lo demás.

Santo Domingo, no como punto de llegada sino de partida

Santo Domingo no fue ni el primer ni el último paso de la andadura de nuestras Iglesias, sino uno más ... Se ha dicho que Medellín fue un salto profético hacia adelante; Puebla, un paso común de quien anda, sin correr; quizá Santo Domingo será un paso elegante y cortito de balet ... Hay que seguir adelante, haciendo frente colectivamente a las nuevas situaciones sociales, eclesiales y pastorales ..., confiando en que para esta hora y responsabilidad sigue actuando en las comunidades eclesiales de América Latina y el Caribe la gracia del Espíritu y la presencia dinámica del Resucitado.

José Marins

*Misiones Extranjeras,
marzo-abril 1993*

SANTO DOMINGO

An interpretation

It isn't possible to go into a specific analysis of the contents. Certainly, the style of the text, especially at the beginning, is heavy and confused; the theology seems to be rather abstract and perhaps not truly in line with Vatican II, in spite of what is stated in # 30.

A global Reading

Some negative notes must be mentioned. Basic Christian Communities almost disappear from the document (#61-63), as does consecrated life (#85-93) and even apostolic movements (#102). This, in spite of the fact, that in the work of new evangelization, they are the basic sources of strength and will hold center stage for the coming years. One has the impression that, deep down, the objective of the new evangelization is sacramentalization and personal conversion without a serious social commitment. The treatment of ecumenism (#132-135) is generic, and even more so is the statement on inter-religious dialogue. On the other hand, the treatment of fundamentalist sects and of the new religious movements (#139-152) is very detailed and not dialogic because they are seen as the

cause of the fragmentation of Latin-American Christianity.

Topics are not well distributed in the various parts. Corrections have improved some texts, but have damaged others in particular the ecclesial position of women.

Medellin is not explicitly mentioned, while Puebla is mentioned a dozen times, as is *Evangelii Nuntiandi* by Paul VI. The Working Document is mentioned only once (#178). Not a word from the documents of the various episcopal bodies, and even of CELAM after Puebla. The Roman magisterium reigns supreme. The new socio-cultural situation generated by the fall of the Marxist regimes is totally ignored. Attention is given instead to the new economic world order (#194-203).

The terminology, Christian culture, is not free from ambiguity (it makes one think of new Christianity). In fact, in the third section it is used with the phrase, inculturated evangelization. I think this is a better expression and more in line with the way the topic was discussed. The resulting impression of

the document is that a general key of interpretation is not sufficiently developed - it should be the new evangelization.

Positive Notes

The positive notes are many and I would like to give them some attention. Beginning the document with a profession of faith is basically valid, even though the concrete result is not satisfactory. Due to a lack of time and to the opposition of the conservatives, the inspirational thrust is rather weak. There should have been a greater effort on the part of the theologians. Whatever force the message has is due to the work of a Brazilian theologian and the inspiration taken from the Gospel account of the two disciples of Emmaus (Lk 24).

The term *opciones*, was retained, even though some people maintained that it can be a dangerous expression. These same individuals also held that the approach of "looking at reality" should have been abandoned, because it lends itself to an analysis inspired by ideologies and prejudice. The options for the poor and for youth were retained. Others, have also been added, even though a different terminology was used: priorities, challenges, pastoral guidelines.

The evangelical preferential

option for the poor is presented in continuity with Medellín and Puebla (#296). In #178 it is stated as "a firm, irrevocable, preferential and evangelical option for the poor." New biblical and theological bases are given to support the themes of poverty and the "Church of the poor" (see #180). The list of priorities has increased to include: family, vocations, ecumenism, indigenous people, oppressed cultures, and the mass media.

There are some strong statements on the increased impoverishment that has taken place since Puebla because of neo-liberal politics (#179), ecological disaster (#169-170), the violation of human rights (#164-168), demographic terrorism and contraceptive imperialism (#219).

A Key to Interpretation

The central theme and the guiding perspective is definitely the new evangelization which must lead to true inculturation or inculturated evangelization. In several instances there is an attempt to explain exactly what is meant by new evangelization. Above all, there is commentary on the famous statement of the Pope: new in its zeal, in its methods, in its expressions (#28-30). It is new in its protagonists, particularly the laity, the oppressed ethnic groups: indigenous people, Afro-Americans, mixed races and women. It is new also in its recipients: ethnic groups,

living and work environments, the middle class, the milieu of technology, communications (#26). Its aims, are new as it opens up to a new way of being Church, at the service of the Kingdom and not of its own self.

A Unifying Thread

This new evangelization is the unifying thread that unites the entire picture and, as such, it often offers us statements that are both surprising and courageous. The text shows consistently that it is not possible to ignore reality and its challenges. Let us think for instance of human rights, the right to life, the right to own land, the role of women in the Church, ecology, urban culture, marginalized cultures, new ways of communications, inculturation of the liturgy, democracy, criticism of wild neo-liberalism, the new economic order, the mentality of violence and rejection, the mission *ad gentes*. These, among many, are the topics that demand a style that is courageous, often prophetic and provocative. The daring of some paragraphs is amazing and they are spread throughout the text, at times mixed in with other paragraphs that are more flat and even reactionary.

Pastoral Directions

In each of the themes mentioned so far, we find a dialectical

tension between challenges (*desafíos*) and pastoral choices (*lineas pastorales*), but it is precisely in the give and take, that we find the most courageous choices. Let us look at some examples:

Parish structures - must be more open flexible and missionary; must revamp the urban parish and create ministries to be given over to the laity in order to evangelize the cities (#257ff.)

New experiences - ratify the validity of the small Christian communities developing within them a new missionary spirit and solidarity (#62).

Celebration - promotes an inculturation of the liturgy (among indigenous people) accepting with respect their symbols, rites and religious expression (#248)

The economy - denounces the market economy that especially penalizes the poor (#201)

Pastoral care of the young - promotes co-responsibility through the see-judge-act method (#119)

Vocations - take a particular interest in the challenge presented by the priestly formation of candidates from indigenous cultures and Afro-Americans (#84)

Pastoral care of the family - exercises the prophetic ministry of the church in denouncing and violation of the rights of the child, both the already born and the unborn (#227)

The role of women - recognizes the urgency of addressing the need to promote the presence of women in the organization and in the promotion of the new evangelization of Latin America (#109)

Imagination and Creativity

We have only quoted some of the many examples. It is evident that they call for courage, imagination and prophetic creativity. In fact, in the name of this new evangelization, the *Conclusiones* affirm the need to "use, under the action of the creative Spirit, imagination and creativity" (#29). In some instances creative imagination is explicitly suggested in certain areas: liturgy and catechetics, organization and the use of symbols and signs, art and the integration of ethnic values, the education of the young and ecology.

Implicitly, this allows for sincere self criticism of the methods and the language used in the past and urges the search for new ways of inculturation: "Jesus Christ asks us to proclaim the Good News with a language that will bring the Gospel itself closer to the cultural realities of today" (#30). Perhaps the practi-

cal consequences of Santo Domingo are not at all clear, but a vision of the future is being opened that is full of possibilities and of creative research.

In order to correctly understand the *Conclusiones*, we must not only be familiar with the various drafts but above all remember the global mind of the document. In fact, a global reading, rather than a limited perusal reveals more inspiration than one would expect.

Beyond Santo Domingo

A just evaluation of Santo Domingo will require time. The Pope has invited the local Churches and each diocese in particular to examine the texts and "make the necessary discernment, to see what is most useful and urgent in each particular situation" (letter of Pope John Paul II accompanying the document).

Santo Domingo will not be understood correctly if we only look for a kind of continuity from Medellin and Puebla. Of course, there is a type of continuity, and it is mentioned specifically in the pastoral priority lines (#290, 302), but there is more. I believe that this Assembly has opened a new phase of history, made up of new experiences, unhoped for realizations, new options and a new ecclesial conscience.

Beyond Medellin

Much has happened since Medellin: liberation theology is an accomplished fact; small Christian communities have sprung up; there is a new conscience about democratic freedom; initiatives have begun on behalf of oppressed cultures, the role of the laity, women, marginalized ethnic groups, and integration in Latin America and beyond. New themes have come to the surface: ecology, defense of life, the new economic order, human rights, urban culture, planetary communications. Consequently, there have also been political, military, social, economic, religious and cultural changes.

Not only has the whole world changed, we have begun to set the foundations for the 21st century. Latin America has changed. The faces of the people are less homogeneous; regional differences are more apparent. At the same time, there is a strong sense of a new continental bond that takes into account and promotes through interdependence, "a solidarity that will eventually change into brotherhood" (#204).

The Opening of a New Phase

In Latin America it is said that, Medellin gave flesh to *Gaudium et Spes*, while Puebla was the Latin

American equivalent of *Evangelii Nuntiandi*. For some people Santo Domingo is the application of more recent papal documents: *Christi-fideles Laici*, *Centesimus Annus*, *Redemptoris Missio*. Perhaps it is true; I would go farther.

We are now at the beginning of a new phase that concludes the journey started at Medellin. The Pope mentioned it in his speech: "In our days we perceive a crisis of unsuspected dimension, "... "today we need a deep pastoral renewal through an evangelical discernment on dominant values, on collective attitudes and ways of acting ... In our day it is necessary to make the effort to have a special sensitivity in order to inculcate the message of Christ" (#21).

In order to achieve a truly authentic, new inculturation of the Gospel it is necessary to have a new ecclesial strategy, a new cultural foundation, new prophetic power. Santo Domingo has only glimpsed at new horizons, without having the chance to develop and value them. Perhaps this was also due to the make-up of the assembly and to the "watchfulness" of CAL, its president, Card. Gantin, a native of Benin, and the vice president, a former Spanish journalist, Msgr. C. Calderón.

Nonetheless, these new horizons exist and *Conclusiones* identifies

them, even though it does it haz-
 ardously and with contradictions.

New horizons

This new horizon must be sought, shaped into a system, interpreted as an organic project. To put it into practice there must be new strategies and new leaders, a new Exodus experience and new prophetic ingenuity. It is the *kairos*, the moment for all - laity, bishops, priests, religious and small Christian communities. I would say that we must go back to tough thinking, to prophetic imagination in order to open new ways with "*parresia*" (#50), in effective solidarity with the vast masses of "suffering faces," of humiliated ethnic groups, of lay people who are generous and daring in the following of the Lord Jesus.

If in the first part of the *Conclusiones*, particularly in the profession of faith, one may have the im-

pression that we tend to check our pulse to find out how Christian and how faithful to "sane doctrine" we are, the development of the second part shows clearly that Christian identity calls us to stand upright and look straight ahead in order to recognize ourselves in others, particularly in the poor. We are called to judge history, culture and the emerging challenges in the light of the Gospel.

It remains to be seen where the final challenge of the document will lead to. "Let us take upon ourselves with zeal the evangelical preferential option for the poor, in continuity with Medellin and Puebla. This option, which is not exclusive or excluding, will illumine, in imitation of Christ, our entire evangelizing activity." (#296)

Fr. Bruno Secondin, O. Carm

SEDOS, 15th February 1993

SANTO DOMINGO

Un "ajuste pastoral"

Con "*ajuste pastoral*" intendiamo la ripresa del cammino ormai tradizionale della Chiesa latinoamericana, ma con un'altra direzione non contraria, ma diversa. In verità, si tratta di un cambiamento di direzione globale, con cui i vescovi riprendono un cammino che viene da Medellín, ma in un altro contesto e perciò con un'altra sensibilità, in un'altra ottica...

L'*ajuste pastoral* avviene in un doppio senso: **ad intra**, Santo Domingo rafforza la Chiesa-gerarchia indebolendo la Chiesa-popolo di Dio; **ad extra**, la IV Conferenza privilegia la dimensione propriamente evangelizzatrice della Chiesa, enfatizza la sua funzione specificamente religiosa e missionaria, però (e qui sta la questione) in modo non da radicalizzare la missione sociale della chiesa, ma da relativizzarla. Ossia: il riorientamento verso il religioso sembra avvenire a spese del sociale. E di questo abbiamo alcuni segni molto chiari.

Cambiamento di linguaggio

Salta agli occhi, e ciò è già un sintomo estremamente espressivo, che i vocaboli *liberazione* e *liberatore* so-

no stati praticamente eliminati. Rimangono in poche occasioni (una decina) e, anche in questo caso, in un'accezione spiritualizzante, svuotata dello specifico contenuto socio-trasformatore (*Documento di Santo Domingo* = SD, 7, 8, 27, 34, 157b, 279). In sole tre occasioni si mantiene la relazione con quel contenuto: due volte parlando di "liberazione integrale" (123, 243) e una volta come sinonimo di "promozione umana" (157a), come aveva già fatto Puebla. Inoltre, sulla *Teologia della liberazione*, silenzio totale. Si tratta di vocaboli deliberatamente censurati. Non importa che siano stati già assimilati nei discorsi di Giovanni Paolo II e in altri documenti romani come *Libertatis Nuntius* (1984) e *Libertatis Conscientiae* (1986), e perciò consacrati e in qualche modo ufficializzati.

Ma qualitermini usa il SD per parlare della "cosa" designata dal vocabolo *liberazione*? Usa soprattutto *promozione umana*. E ciò si riscontra in particolare nella seconda parte (Cap. II). Questo cambiamento di linguaggio esprime un'opzione chiara. Non è mutata certo la sostanza della pastorale sociale, ma senza dubbio sono cambiati il suo

stile e la sua prospettiva. Infatti le connotazioni di *liberazione* e di *promozione umana* non sono evidentemente le stesse.

D'altra parte fanno l'apparizione altri vocaboli: *comunione* (54-56, 123), *solidarietà* (33, 75, 76, 85, 116, 159c, 169e, 183, 288), *integrazione* (57), ma soprattutto *riconciliazione* (23, 68, 77, 168, 204, 288). Sarà quest'ultimo termine, e non *liberazione*, a indicare la risposta corretta ai conflitti, sia sociali (23) che ecclesiali.

Però il cambiamento di vocabolario non si riferisce solo a *liberazione*, ma anche ad altri termini a essa imparentati per contenuto pastorale. Così *oppresso* e *oppressione* vengono ugualmente eliminati. Troviamo solo una misera sopravvivenza di "oppressione" (9) e un'altra di "oppressi" (243c). Anche l'idea di *inserimento* è stata epurata. Compare solo una volta (92). L'idea fortunatamente permane, ma adesso è espressa da altre parole: *presenza* (75, 177d, 279c) e soprattutto *prossimità* (74, 75, 85c, 92, 138, 180c).

Cambiamento di metodo

E' stato deliberatamente abbandonato il metodo dell'ormai tradizionale "vedere-giudicare-agire". Questo metodo era già stato sancito dalla *Gaudium et Spes*. Nel SD esso compare una volta: consigliato (e

ampiato da "celebrare" e "valutare") nel lavoro con i giovani (119).

Ma da che cosa è stato sostituito? Da un metodo composto anch'esso da diversi momenti, ma disposti in modo diverso: prima abbiamo l'illuminazione dottrinale (corrispondente al "giudicare"), poi la realtà (sarebbe il "vedere") e infine le linee pastorali (l'"agire"). Il vocabolario è variabile e anche la tripla distribuzione, poiché il secondo momento (la realtà) è sacrificato in favore del primo e del terzo.

La "novità" di questo metodo è quella di iniziare con la dottrina. Non è propriamente una visione biblico-teologica: c'è poca Bibbia e ancor meno teologia...

Si deve però dire che non si tratta di una rottura radicale, di un salto, ma di una ridefinizione metodologica. Perché, ad ogni modo, la realtà è sempre tenuta in considerazione, e ciò già dal tema proposto, spesso molto "reale" (l'impoverimento, ad esempio).

Ora è questo ciò che più interessa. Le nostre comunità partono spesso dal Vangelo per scendere in seguito alla realtà concreta. Solo che lo svantaggio del SD è che il "giudicare a partire dalla fede" rischia di avere meno aderenza al reale, obbligando a passare direttamente dalla realtà all'azione, senza più un ponte di "mediazione ermeneutica".

[...]

Indicazioni per la "receptio"

In verità ogni documento magisteriale implica una "receptio", cioè un'appropriazione viva, attiva, selettiva, correttiva e creativa di un testo del vertice da parte della base del Popolo di Dio.

Infatti il documento episcopale è solo un polo del senso. L'altro polo è la lettura viva che del documento fa la "Ecclesia". Perciò Santo Domingo libererà il suo "senso pieno" solo attraverso le successive interpretazioni delle comunità. Si tratta, quindi, di una "danza a due". Il Santo Domingo "storico" è una cosa; il Santo Domingo "Kerigmatico" è un'altra. I due sono uniti, poiché uno implica l'altro. E' la dinamica della "tradizione" ecclesiale (Cfr DV 8). Così il significato storico di Santo Domingo permane sospeso a quello che i cristiani di base faranno di esso. Santo Domingo rimane necessariamente aperto in avanti, per il futuro che le comunità gli daranno, partendo sempre dal testo. Il suo senso "spirituale", basato sulla "lettura" episcopale, permane aperto. Questa è la sfida rimessa alla responsabilità delle comunità e dei movimenti cristiani.

Il fondamento teologico di una rilettura di base è la pneumatologia. E' lo Spirito Santo l'agente trascendente di ogni manifestazione ecclesiale, specie delle assemblee e dei

loro documenti. Ed è Lui che conferisce il carattere di "soggetto" ad ogni cristiano e alle comunità. Lui permette di captare il senso più profondo tra le fessure dei testi, di percepire le intuizioni poco o mal espresse e di captare il vero senso "spirituale", anche *sub cruce et contrario*. E' *l'intus legere* pneumatologico.

Chiaro: per evitare ogni "bricolage ermeneutico", il testo permane con tutta la sua positività, esigendo di essere inizialmente interpretato "in sé", applicato e attualizzato nella linea del suo spirito più profondo. Così considerato, praticamente non esiste testo "irrecuperabile" del Magistero. C'è sempre una sua certa *receptio*, più o meno profonda e attiva. Non ci sono, allora, nella Chiesa, testi con senso assolutamente fissato. Poiché tutto è rilavorato dentro la grande circolarità di vita che è la comunione ecclesiale. Il *sensus fidelium*, conferito dallo Spirito, permette sempre una percezione attiva di ogni Parola di fede, anche di quella del Magistero.

I teologi, le "organizzazioni pastorali", i movimenti e gli altri gruppi attivi nella Chiesa, specie le CEB, hanno un potenziale particolare di "ricreazione del senso" nel processo della *receptio*. Santo Domingo sarà in buona parte quello che le comunità faranno di esso. La IV Conferenza generale continua.

Chiavi per una rilettura del SD

Percepiamo tre chiavi importanti per il riscatto ermeneutico-pastorale di Santo Domingo. Partiamo dal particolare e andiamo al generale.

Sviluppare le ispirazioni di Santo Domingo: bisogna sviluppare i semi più profondi; esplorare i filoni più fecondi; estrarre quello che c'è di più ricco e prezioso. Particolare importanza hanno le "linee pastorali prioritarie" essendo il testo più elaborato, e perciò più espressivo, dei Vescovi della IV Conferenza. La sua sintesi si trova schematizzata nel n. 302 e fatta preghiera nel n. 303.

Proiettare la luce del Vaticano II, di Medellín e Puebla sul documento: sono i testi "fondatori" della chiesa nel nostro tempo. Il SD vi si impegna formalmente: «Rinnoviamo la nostra intenzione di portare avanti gli orientamenti pastorali del Concilio Vaticano II, recepiti dalle Conferenze episcopali generali di Medellín e Puebla, attualizzandoli attraverso le linee pastorali tracciate nella presente conferenza» (290). In special modo importante per l'America Latina è Medellín. Secondo José Comblin, quella Conferenza non può essere paragonata a nessun'altra, perché si tratta della Conferenza fondatrice della nostra identità ecclesiale latinoamericana. E' la "madre di tutte le Conferenze". Essa ha

un'importanza veramente storica. Eventi così capitano soltanto una o due volte ogni millennio. I Vescovi che fecero Medellín sono come i "santi Padri" della Chiesa dell'America Latina e dei Caraibi. E padri non se ne hanno molti, poiché si nasce una volta sola. Come ogni evento fondatore, Medellín permane unico e incancellabile. Dunque è alla luce di quel grande faro che va letto il SD. Sotto quella luce Santo Domingo risulta ampiamente riscattabile e da approfondire nella sua tematica e nelle sue intuizioni. Senza dubbio esiste anche la relazione inversa: rileggere la tradizione precedente alla luce di Santo Domingo, con lo scopo di approfondire certi temi. E questa non è retrocessione o regressione, ma il necessario movimento dialettico di ritorno per poter andare più lontano.

Rileggere il documento alla luce della Parola, specialmente del Vangelo: la Scrittura rimane sempre l'istanza sovrana a partire dalla quale si deve rileggere tutto nella Chiesa. Il supremo Magistero nella Chiesa è quello della Parola di Dio e di Cristo Maestro. In essa vi è lo Spirito che parla ancora oggi alle Chiese.

Quattro "segni dei tempi" nell'America Latina d'oggi

Non potendo qui soffermarci su una lettura pastorale o applicativa del documento, ci accontentiamo di

indicare, almeno in modo schematico, i maggiori "segni dei tempi" nell'America Latina di oggi e, subito dopo, i suoi punti più luminosi. E questo con l'obiettivo di aiutare le comunità cristiane alla riappropriazione vitale del documento.

Modernità e riemergere del sacro

Il dialogo col mondo moderno, iniziato col Vaticano II, deve continuare, anche con maggior discernimento. La Chiesa ha molta strada da fare per inculturarsi evangelicamente nella modernità, sia nei suoi mezzi tecnici che nei suoi valori, ma andando oltre i suoi principi nella misura in cui entrano in rotta di collisione con la fede (individualismo, liberalismo, titanismo). Lo stesso processo di modernizzazione, nel suo maturare, sta sollevando oggi con vigore e in modo ampio la questione religiosa.

La questione del senso viene ad aggiungersi a quella della giustizia, in una relazione ancora incerta. Questo è un problema mondiale, sebbene acquisisca nel Terzo Mondo aspetti particolari, come la sua relazione con la liberazione. Ma non c'è dubbio che la Chiesa è davanti a un *Kairòs* particolare nel senso di dover riannunziare il messaggio del Vangelo, sempre senza riduzionismi (Cfr At 20, 20.27). La risposta pastorale a quell'insieme di sfide che è la modernità è stata formulata in modo

pertinente dall'attuale Papa e ripresa da Santo Domingo in termini di "Nuova Evangelizzazione".

L'esclusione sociale frutto del capitalismo

Permane con tutto il suo vigore, e ancor più grave, il problema della povertà, adesso miseria. E' in quest'area che la Chiesa dell'America Latina ha approfondito e dato un contributo particolare alla chiesa universale. Il Vangelo ai poveri e dei poveri è il suo accento tipico, il suo dialetto specifico per parlare il linguaggio universale della fede. Ed è necessario che quell'originalità permanga nel "concerto delle chiese" per l'arricchimento comune. Tuttavia oggi è opportuno collegare povertà con modernità per percepire gli effetti perversi della struttura sociale capitalista. Rilievo particolare merita il fenomeno crescente dell'"esclusione sociale", la cui drammaticità esige miglior comprensione e azione effettiva. La risposta pastorale a questo "segno dei tempi" è, e non può che essere, la liberazione, che nel SD porta il nome più debole di "promozione umana".

La questione dell'"altro": classico (indigeno e nero), moderno e nuovo (donna e giovane)

Gli anni '90 sono anche gli anni della diversità e del pluralismo culturale. I "modi di vedere e di fa-

re" che definiscono le culture sono una sfida complessa per la Chiesa cattolica, a causa della sua formazione culturale prevalentemente latina (che rende difficile una inculturazione indigena e afroamericana), delle sue strutture medievali di organizzazione e funzionamento (nelle quali la modernità non si riconosce) e della mentalità patriarcale (che si scontra con la donna e il giovane d'oggi). E' sempre difficile lottare insieme all'"altro", sia esso indigeno o nero, moderno o post-moderno, donna o giovane. Ora, su questo tema, la Chiesa occidentale latina non ha una tradizione ricca. Nonostante la questione sia sul tavolo e il processo sia già incominciato nelle basi ecclesiali. L'America latina, continuamente culturalmente variegato, ha rappresentato un luogo particolare per l'incontro fede-cultura, accanto a un altro, già in corso: fede-politica. La risposta pastorale a questa problematica complessa si chiama nel documento, "Cultura Cristiana" o, più precisamente, "Evangelizzazione inculturata".

Chiesa-comunione: nuova istituzionalità organizzativa e giuridica

Questa è la sfida più grande, col più alto significato storico. E' la questione della comunione e della partecipazione nella Chiesa. E' l'emergere di una Chiesa Popolo di Dio. In questo senso esistono già una ecclesiologia, una prassi e un

processo in corso. Ma ciò che manca è l'istituzionalizzazione e la regolamentazione canonica di tutto ciò, specie per quanto riguarda i processi di decisione. Senza garanzie istituzionali e giuridiche minime, il miglior processo di partecipazione si vanifica per l'arbitrio di un pastore determinato, come una cucitura a cui non si sia fatto il nodo. E tutto torna al punto di partenza. Quanto è successo a Santo Domingo è stato in questo senso molto istruttivo. Senza parlare di quanto sta succedendo oggi con la sostituzione di vescovi in alcune diocesi.

Anche approfondire questa problematica è già un compito difficile. Ma sorge ogni volta più chiara l'importanza di lavorare sulla questione del potere nella Chiesa, legata alla sua espressione giuridica, il Diritto ecclesiale. Il Diritto Canonico sta chiedendo un'analisi biblico-teologica da parte di tutti quelli che si preoccupano per la "democratizzazione" dei processi di decisione nella Chiesa. La risposta pastorale a questa sfida, che è anche un "segno dei tempi", è la creazione e il consolidamento di una vera Chiesa-comunione. L'esperienza di "comunione e partecipazione" delle chiese dell'America latina può dare un contributo decisivo per uscire dall'impasse ecclesiologico, ben presente nel SD, tra un'ecclesiologia giuridicista, che mette al centro la gerarchia, e un'altra, comunionale, che dà

priorità al Popolo di Dio.

Il Vangelo di Santo Domingo

Se volessimo ridurre in dieci punti, un decalogo, i successi potenziali di Santo Domingo, quali sarebbero? Quali buone notizie esso può annunciare? Quale sarà il suo "vangelo"? E' quello che indicheremo subito in modo estremamente breve.

Nuova Evangelizzazione

Richiesta di perdono per gli errori commessi dalla Chiesa latinoamericana nel passato e riscatto della memoria storica dei popoli del continente.

Ripresa del compito missionario di annunciare Cristo e il suo Regno al mondo moderno, specie alle masse dei cristiani che si sono "allontanati".

Protagonismo dei laici, specialmente delle donne e dei giovani, sia fuori che dentro la Chiesa.

Rafforzamento, anche istituzionale, di una chiesa-comunione, immensa rete di comunità e di organismi di servizio.

Promozione Umana

Attenzione al fenomeno dell'esclusione sociale delle masse povere del continente.

Sviluppo della cultura della vita,

specie nel seno della famiglia, ma anche nel campo dell'ecologia.

Sforzo per un nuovo ordine sociale: economia solidale, politica democratica e cultura pluralista, includendo l'integrazione del continente.

Evangelizzazione Inculturata

Incarnazione del Vangelo nei poveri indigeni e afroamericani e nelle loro culture.

Organizzazione della pastorale della città, luogo privilegiato della cultura moderna.

Assunzione dei mezzi di comunicazione sociale per l'evangelizzazione, la promozione e l'inculturazione.

Cultura e inculturazione, è ciò che molto probabilmente resterà di Santo Domingo. Esso sarà conosciuto soprattutto per questo. Sarà il suo "marchio registrato". Mantenendo il primato del Vangelo, che è anche un itinerario e un indicatore di rotta, si può fare molta strada nel cammino di rinnovamento della società e della Chiesa. Se sarà così, la IV Conferenza potrà essere una grazia. Essa non sarà stata invano!

P. Clodovis Boff

SIAL, 15-31 marzo 1993

Santo Domingo conferma l'opzione preferenziale per i poveri

UN'AGENDA DI IMPEGNI PER I CRISTIANI LATINOAMERICANI

Lunga preparazione, molte aspettative, non poche tensioni, timori provenienti da diverse direzioni, vecchie sfiducie, forza e presenza di un itinerario ecclesiale, le mosse dell'ultima ora, la serenità e il senso pastorale di numerosi partecipanti, la crescente povertà del popolo latinoamericano e la preghiera di tanta gente hanno contrassegnato il sentiero che ha portato al documento finale della IV conferenza episcopale latinoamericana, a Santo Domingo...

Un'opzione e tre linee pastorali

[...]

In un punto di importanza capitale il documento finale (= SD) precisa e migliora certi termini utilizzati dal *Documento di lavoro*, che avrebbero potuto creare confusione. Mi riferisco all'elenco di opzioni della Chiesa latinoamericana che il *Documento di lavoro* offre sotto la dicitura "opzioni preferenziali". Tra esse si trovano, oltre all'opzione per i poveri, quelle per i giovani (già presente a Puebla), la famiglia, i laici, l'evangelizzazione della cultura moderna e altre ancora.

SD non segue questo schema, con

buon criterio distingue tra opzione preferenziale per i poveri e linee pastorali prioritarie. Non si tratta di una *querelle* sulle parole, né di sottovalutare altre sfide pastorali prioritarie. In gioco (non tutti l'hanno percepito in un primo tempo) c'era la necessità di mantenere chiara la prospettiva evangelica che da circa 25 anni ha ispirato l'azione della Chiesa latinoamericana, prima, e che si è ripercossa a livello universale, poi. Tale chiarezza non è stata voluta per motivi di soddisfazione intellettuale, ma per la fecondità stessa delle linee pastorali da adottare che, se sono situate attorno a un asse, acquistano una maggiore portata.

Santo Domingo riafferma quindi con fermezza l'opzione preferenziale per i poveri. In quest'ottica cristologica in cui si situa la Conferenza in accordo con il tema prescelto, "Gesù Cristo ieri, oggi e sempre (Eb 13,8)", tale opzione è fondata su Cristo e sul suo annuncio della Buona Notizia ai poveri (Cfr Lc 4, 18-19). «Questo è il fondamento che ci impegna in un'opzione evangelica e preferenziale per i poveri, ferma e irrevocabile, benché non esclusiva

né escludente, così solennemente affermata nelle conferenze di Medellín e Puebla» (SD 178). La continuità è limpidamente sostenuta; inoltre Medellín e Puebla hanno cercato anche con attenzione di radicare l'opzione per i poveri nella testimonianza di Gesù. Nei numeri successivi (SD 179, 180) e in molti altri ancora (SD 50, 275, 296, 302) si sottolinea il ruolo centrale di questa opzione e, di conseguenza, l'impronta che dà ai diversi compiti ecclesiali. Quando si pensa alla resistenza che questa prospettiva, il suo enunciato e persino i termini (la parola "opzione" per esempio) con cui viene espressa, provocano in certi settori dentro e fuori la Chiesa, non si può non pensare che ci troviamo davanti a qualcosa di definitivamente acquisito.

Si tratta di una prospettiva vecchia e nuova allo stesso tempo. Ricordata con toni profetici da Giovanni XXIII alla vigilia del Concilio, germoglia negli ultimi anni dall'impegno storico delle comunità cristiane e dal loro contatto diretto con la Bibbia, così come dalla riflessione teologica su queste esperienze. Essa irrompe a Medellín, precisa la sua formulazione e i suoi fondamenti negli anni seguenti e si manifesta con maturità a Puebla. Con Giovanni Paolo II l'opzione preferenziale per i poveri entra decisamente nel magistero ordinario universale della Chiesa.

Così, qualcosa che è nato, in tempi recenti, fra i cristiani latino-americani, i quali hanno scoperto poco a poco il significato biblico dell'impegno coi poveri e la loro liberazione, è stato presto assunto dal magistero ecclesiale della regione, si è fatto strada nella vita della Chiesa e del continente. Questo approccio ha fatto risuonare il Vangelo in spazi che, fino ad allora, gli erano rimasti chiusi. Ha dato vitalità e creatività a numerose iniziative pastorali, ha stimolato la riflessione teologica lanciandola su sentieri inesplorati, è stato marcato dalla testimonianza del martirio e dall'abnegazione umile e quotidiana di molti, ha motivato sofferenze la cui profondità solo il Signore conosce e ha risvegliato speranze che hanno fatto guadagnare in fedeltà profonda a Gesù e alla sua Chiesa. Ci troviamo indubbiamente davanti all'apporto più importante che la comunità ecclesiale che vive in America Latina ha reso alla Chiesa universale di cui fa parte.

Il carattere di postulato per l'azione ecclesiale che l'opzione preferenziale per i poveri riveste a Santo Domingo riafferma la bontà di un'intuizione e la solidità di un itinerario. Dobbiamo stare molto attenti però a non accontentarci di dichiarazioni e testi. Essi sono importanti, i documenti di Medellín e di Puebla lo provano, se si fanno carne nella vita della Chiesa. Il pericolo

che tali enunciati, per importanti e interessanti che siano, si limitino a parole o gesti di circostanza è sempre presente. Questa prospettiva deve tradursi in linee pastorali concrete. Santo Domingo le propone in funzione dei grandi temi che si è assegnato: Nuova Evangelizzazione, Promozione Umana ed Evangelizzazione Inculturata.

Nel primo punto si sottolinea il ruolo dei laici (in modo speciale i giovani) nel compito evangelizzatore, quello della celebrazione della fede; significativamente si mette anche in rilievo il compito missionario che la Chiesa latinoamericana deve assumere al di fuori del nostro continente. Sono convinto che quest'ultima sia una delle prospettive più feconde davanti a noi. In questo ordine di idee Puebla ci aveva chiamati a «dare a partire dalla nostra povertà» (SD 368); è auspicabile che ciò diventi effettivamente linea pastorale per il futuro (Cfr SD 293-295 e 12, 57 sulla dimensione missionaria).

La seconda grande linea pastorale si situa nell'ambito della promozione umana. Qui l'accento viene posto sull'attenzione al clamore dei poveri e sulla necessità di assumere con «rinnovato ardore l'opzione evangelica e preferenziale per i poveri»; essa deve illuminare «l'immitazione di Gesù Cristo, tutta la nostra azione evangelizzatrice».

D'altra parte, si dichiara che «ogni vita umana è sacra» e questo deve ispirare una difesa della vita e della famiglia (Cfr SD 296-297).

La terza linea è costituita dalla necessità di una Evangelizzazione Inculturata. Indubbiamente uno dei punti più esaltanti di Santo Domingo è quello dell'inculturazione del Vangelo. Il termine è nuovo, l'idea è vecchia ed echeggia l'incarnazione. E' un fatto però - il ricordo oggi della prima evangelizzazione in America Latina lo ha reso evidente - che alla Chiesa costa prescindere dal mondo culturale occidentale nel suo annuncio del Vangelo. Per questo SD chiama a una «conversione pastorale della Chiesa» (SD 30 e 23). E' un terreno in cui il lavoro è molto e riconoscere i valori dei popoli indigeni e della popolazione nera è un passo fondamentale in questo compito. Lo è anche accettare le sfide provenienti dall'accelerato processo di urbanizzazione che ha luogo nel continente e dall'aggressiva presenza di mezzi di comunicazione di massa (SD 298-301).

I nuovi volti della povertà

Santo Domingo prende atto di un fatto enorme, visibile a tutti: il progressivo impoverimento delle masse in America Latina. Il clamore dei poveri che Medellín chiamava «chiaro, crescente, impetuoso e, in certi momenti minaccioso» (SD 89),

si è fatto oggi assordante. La povertà cui sono «sottomessi milioni di nostri fratelli, arrivando a intollerabili estremi di miseria è il più devastante e umiliante flagello che vivono l'America Latina e i Caraibi» (SD 179). E' un motivo in più per optare preferenzialmente per i poveri. A causa di tutto ciò, il testo ci invita ad «allungare la lista dei volti sofferenti» (SD 179) di cui parlava Puebla (31-39), in un bel passaggio scritto da due grandi vescovi latinoamericani che oggi non sono più con noi: Germán Schmitz e Leonidas Proaño. In questi volti dobbiamo scoprire i tratti del Signore, che ci sfidano a «una profonda conversione personale ed ecclesiale» (SD 178). Si tratta di volti «sfigurati dalla fame, conseguenza dell'inflazione, del debito estero e delle ingiustizie sociali» (SD 178).

Nel documento figurano determinati settori sociali che disegnano in modo preciso i volti dei poveri d'America Latina. La data dell'incontro portava obbligatoriamente a parlare dei popoli indigeni e della popolazione nera (che SD preferisce chiamare afroamericani) del continente. Emarginate e maltrattate per secoli, queste persone vedono, in questa occasione, riconosciuti i loro valori e apprezzati i loro contributi alla storia latinoamericana.

Com'è risaputo, non è stato facile raggiungere il necessario con-

senso perché, come veniva sollecitata da tempo, la Conferenza chiedesse perdono ai popoli indigeni e neri per la partecipazione dei cristiani all'oppressione e all'ingiustizia di cui furono oggetto nel secolo XVI e in epoche posteriori. SD lo fa (Cfr 20 e 246); è possibile, tuttavia, che senza il chiaro intervento del Papa in materia, questo non sarebbe avvenuto. Varie voci hanno espresso la loro resistenza al riconoscimento di fatti la cui veridicità storica non si può negare. Fortunatamente questi ostacoli sono stati superati, ma ciò che resta da fare in materia di solidarietà con le persone e le culture indigene e nere dell'America Latina, è ancora molto. E' un elemento di importanza capitale dell'agenda che abbiamo davanti.

I poveri, però, non solo hanno colore e in molti casi una lingua propria; la condizione della donna, soprattutto quella degli strati popolari, pone anch'essa i suoi interrogativi in questa situazione. In un celebre testo Puebla parla della donna come «doppiamente oppressa ed emarginata» (1134, nota) e consacra vari numeri all'analisi della sua situazione (834.849). Anche SD vi si sofferma (SD 104-110), denunciando le vessazioni contro le donne e la persistente mentalità (nella società e nella Chiesa) che le emargina. E' un appunto importante, ma sarebbe stato interessante che si fosse maggiormente approfondito il tema delle or-

ganizzazioni di donne «per esigere il rispetto per i loro diritti» di cui parlava Puebla (836). Il settore delle donne è senza dubbio uno dei più dinamici e creativi della società e della Chiesa latinoamericana. E' pertinente il documento quando dice che è necessaria «una revisione del ruolo della donna» in ambedue gli ambiti (SD 105). Speriamo che così sia.

Segni dei tempi

Negli ultimi anni le comunità cristiane dell'America Latina e la riflessione teologica che le accompagna sono andate aprendosi a nuove tematiche o hanno ripreso, attraverso piste inedite, alcune antiche preoccupazioni. Esse provengono dal corso degli avvenimenti storici e si presentano come veri segni dei tempi che è necessario percepire in funzione dell'annuncio del Vangelo e il cui appello all'impegno dev'essere ascoltato.

SD si è fatto eco di alcune di queste realtà che aprono nuovi spazi alla solidarietà storica, in particolare coi più poveri, e all'intelligenza della fede. L'attenzione che prestiamo loro deve aiutare a superare il divorzio tra la fede e la vita cui SD fa riferimento ripetutamente (SD 24, 44, 48).

SD enumera alcuni di questi «nuovi segni dei tempi nel campo della promozione umana». Li troviamo però anche nelle altre sezioni del docu-

mento. In tutti questi casi riappare con forza l'asse dell'opzione preferenziale per i poveri. Vediamo alcuni esempi di questa lista.

Uno dei problemi più seri dell'America Latina negli ultimi decenni è stato, ed è, quello della violazione dei diritti umani. Ha rappresentato anche un campo privilegiato - e rischioso - di impegno per molti cristiani e alcune Chiese come corpo istituzionale. Il tema era già presente a Puebla, ma è più dettagliato a SD. Anche se in alcuni punti riflette il timore di alcuni sul rischio di manipolazione del tema (SD 168), tuttavia precisa bene che i diritti umani sono violati allo stesso modo dalla povertà e dall'ingiustizia esistenti nel continente (SD 167).

Una delle maggiori preoccupazioni dell'umanità, oggi, è quella relativa all'economia. Essa è nata, com'è comprensibile, nei paesi ricchi e industrializzati. Tuttavia sarebbe un grave errore pensare che questa preoccupazione nei paesi poveri sia artificiale. Per questo SD tenta una lettura del problema a partire dalle «grandi masse impoverite del mondo» (SD 168). In effetti, esse sono spesso le vittime dello sviluppo dei grandi paesi. Da lì il richiamo di SD a un'"etica ecologica" che «implica l'abbandono di una morale utilitaristica e individualista (SD 168). Con questo proposito ricorda un tema che crediamo di grande fe-

condità nel tempo che viene: «il destino universale dei beni della creazione» (SD 168). A questo proposito si ricorda il senso che ha la terra nel dono della creazione. L'argomento è particolarmente importante per i contadini, molti dei quali appartengono ai popoli indigeni. Essi hanno una visione religiosa della "madre terra" che assicura loro il sostentamento. Questa si oppone alla «visione mercantilista (che) considera la terra esclusivamente in relazione allo sfruttamento e al lucro» e, cosa peggiore, «arrivando fino all'espulsione dei suoi legittimi proprietari» (SD 172). Quest'ultimo è un processo cominciato cinque secoli fa e che non ha ancora trovato una soluzione. La povertà dei contadini ha, dunque, cause chiare e identificabili.

A costo di grandi sofferenze i paesi latinoamericani si sono incamminati verso regimi democratici. Solo in queste condizioni è possibile intraprendere la strada che permetta di costruire una società giusta e pluralista. In molte delle nostre nazioni la Chiesa ha giocato un ruolo importante nel processo di democratizzazione (SD 190). Con realismo SD riconosce che l'esercizio democratico è «ancora più formale che reale» (SD 191). Segnala anche che l'ordine democratico si consoliderà nella misura in cui il popolo che l'ha conquistato avrà «un reale protagonismo» in America Latina (SD 191 e 193).

Condizione fondamentale per un autentico rispetto dei diritti umani e un'organizzazione democratica della società è l'instaurazione della giustizia sociale. SD affronta direttamente quello che è oggi il tema più controverso nel continente: il neoliberismo economico. Si tratta di una delle parti migliori del documento. Davanti all'«impoverimento e all'acutizzazione del divario tra ricchi e poveri» (SD 199) urge «porre le basi di un'economia solidale, reale ed efficiente» (SD 201). Essa deve mettere sotto controllo «quei meccanismi dell'economia di mercato che danneggiano fundamentalmente i poveri» (SD 202). Seguendo le orme di Giovanni Paolo II si denuncia l'ipoteca che il debito estero significa per lo sviluppo dei nostri paesi e si afferma che esso non può essere pagato al prezzo della vita dei più poveri (SD 197).

Sebbene non sia considerato un segno dei tempi, è importante segnalare la sfida (tra le altre, naturalmente) che viene dal processo di urbanizzazione che ha luogo in America Latina. Il tema era stato sfiorato a Medellín e Puebla. SD lo riprende, mostrando che si tratta di un profondo cambiamento culturale. Così come di una situazione che accresce la povertà e la miseria della maggioranza della popolazione delle città «frutto di modelli economici di sfruttamento e di esclusione» (SD 255).

Abbiamo ricordato alcune delle sfide all'annuncio del «Vangelo della giustizia, dell'amore e della misericordia» (SD 13). Tutte affrontano le condizioni dei poveri, l'immensa maggioranza del continente, e chiamano alla solidarietà con quanti soffrono emarginazione e ingiustizia. «Ogni evangelizzazione dev'essere (...) inculturazione del Vangelo» dice SD nella sua professione di fede (SD 13). Questo processo comprende non solo le vecchie culture del continente, ma deve tenere anche conto delle sfide già enumerate. Anche in esse il Vangelo dev'essere inculturato. In effetti, questo sforzo è «un imperativo della sequela di Gesù ed è necessario per restaurare il volto sfigurato del mondo» (SD 13). La sua meta, cioè, «sarà sempre la salvezza e la liberazione integrale di un determinato popolo o gruppo umano» (SD 243). Esse si oppongono alla «forza travolgente delle strutture di peccato che si manifestano nella civiltà moderna» (SD 243).

Nella linea dottrinale e pastorale di Medellín e Puebla, senza il volo profetico della prima, né la densità teologica della seconda, SD raccoglie vari punti dell'agenda che i cristiani latinoamericani hanno cominciato a stabilire in anni recenti. Le nuove sfide sono ben segnalate, la fecondità delle risposte dipenderà - come nel caso delle anteriori Conferenze dell'Episcopato latinoamericano - dall'accoglienza che sapremo dare ai testi di Santo Domingo. Ascoltare il loro appello ci farà lasciare alle spalle scaramucce intestine e laceranti, ci permetterà di progredire nella solidarietà con tutti coloro che vivono in questo continente, in particolare coi poveri e gli oppressi, e guadagnare in comunione ecclesiale. Accoglieremo così il dono gratuito del Regno nella storia di sofferenze e speranze del popolo latinoamericano.

Gustavo Gutierrez

SIAL, 15.31 marzo 1993

LES COMMUNAUTÉS DE BASE AU TOURNANT

Les Communautés de Base se retrouvent au centre de l'attention. On a beaucoup parlé d'elles dans les années soixante-dix et au début des années quatre-vingts pour leur impact socio-politique dans la cause de la libération des pauvres. La conjoncture internationale et brésilienne s'est depuis lors amplement transformée: le modèle socialiste de l'Est s'est effondré et le modèle capitaliste occidental en reçoit une notable puissance d'attraction; l'Amérique Latine occupe une place bien moins importante qu'hier dans l'horizon international; le Brésil pour sa part, cherche à s'intégrer davantage au marché mondial et à se "moderniser", à se donner une "structure sociale ouverte" (entendez: avec privilèges d'un côté, exclus de l'autre, tous les laissés-pour-compte de la modernisation).

On parle dans ce contexte de crise des communautés de base, d'usure ou d'épuisement de la formule. Nous voudrions faire le point sur cette situation, ce tournant peut-être, après un rappel de l'origine et de la grande progression - dans les années soixante-dix surtout...

Nous nous rendons compte

qu'une bonne part des réflexions sur l'expérience des années antérieures étaient trop optimistes: on a exagéré, entre autres, l'influence des communautés sur les couches populaires. Un observateur écrit à ce sujet: "Si l'ardeur de cette renaissance ecclésiale empêcha quelquefois que se déploie la lucidité d'une critique plus objective, il ne faut pas s'en étonner: dans leur état naissant, les projets les plus innovateurs sont toujours portés par l'enthousiasme. Malgré tout, à mesure qu'elle mûrit, l'expérience des communautés a besoin d'être mise en perspective critique si elle doit trouver consolidation dans la société et dans l'histoire" (Rogerio Valle). Le malheur est que ceux qui doutèrent de l'expérience ne tirent des aspects problématiques ou contradictoires du présent qu'une prophétie d'échec et de débandade. Je perçois au contraire ces contradictions et ces défis comme le point de départ d'un perfectionnement et d'une consolidation de cette initiative décisive d'Eglise.

Le défi de l'inculturation et de la religion populaire

"Evangéliser de manière inculturée, c'est (...) permettre qu'u-

ne culture, inspirée et transformée à la lumière de l'Evangile, exprime la foi dans ses propres termes et configure la vie au niveau individuel et social en consonance avec cette foi assumée par la culture et devenue un de ses éléments", disait Marcello Azevedo en 1936. Dans la démarche actuelle des communautés, cette question est perçue comme capitale. Et le sujet de leur VIIIe Rencontre (septembre 1992) à Santa Maria (Rio Grande do Sul) s'y référait: "Cultures opprimées et évangélisation". On ne peut travailler pour la libération des pauvres en éludant la culture ou en la considérant comme secondaire ou superflue. Ignorer la culture populaire et les savoirs populaires, c'est, en fait, renforcer la domination sur les pauvres et leur sujétion.

Dans ce contexte, se présente le défi particulier de la religion populaire. Il est objet de bien des débats. Longtemps sous-estimée dans la pratique pastorale comme dans la réflexion théologique, la religion populaire commence à être valorisée et reconnue pour sa fécondité. Mais il existe encore une tension entre un fréquent rationalisme pastoral et l'univers symbolique populaire. Il y a, d'un côté, une "culture réflexive" propre aux communautés, très tournée vers la rationalité historico-politique, de tendance sécularisatrice, et, du côté de l'univers populaire, une culture pénétrée de symbolique,

affective, sapientielle et joyeuse. Le problème non résolu est celui de la rencontre de ces deux mondes. Il ne s'agit pas de nier ni d'abandonner la rationalité historico-politique ou l'aspect "moderne" des communautés, mais de rechercher cette "autre raison" qui dépasserait les limites de la raison socio-analytique aussi bien que celles de la culture populaire, en conservant les valeurs de l'une et de l'autre. Il s'agit de créer une nouvelle culture, critique autant que "symbolique-populaire". Une vision exclusivement rationaliste de la pastorale, celle que l'on rencontre assez couramment, est problématique: "Le neuf de la libération et, par delà, de l'Evangile ne pourra prospérer au sein du peuple que lorsqu'il sera vitalement inculturé sur le cep ancien de la culture et de la religion populaires", a écrit Clodovis Boff à propos des communautés de base.

En fait, la pratique pastorale courante a encore bien du mal à tenir compte de l'univers symbolique populaire. La préoccupation principale va dans la direction d'une transformation sociale menée avec efficacité. Et beaucoup d'agents de pastorale demeurent divisés entre l'obligation de sensibilité à la culture populaire et le devoir de ne pas favoriser ou renforcer ce qui est "aliénation". Le point de vue du rationalisme pastoral, axé sur une logique de responsabilité historique de libération, suscite souvent des difficultés pour le

peuple. Il se produit aussi une sorte de chassé-croisé: d'un côté, des innovations de caractère social sont greffées sur des dévotions et des célébrations traditionnelles; de l'autre, on traite, plus ou moins explicitement, l'univers symbolique populaire de façon péjorative - ce qui trouble beaucoup de gens.

La question de l'"hémorragie" de certains animateurs de communautés de base qui partent en quête d'autres expériences religieuses, par exemple dans le pentecôtisme, doit être également mise en relation avec cette problématique du rationalisme pastoral. Beaucoup de participants à la vie des communautés ressentent la difficulté du nouveau langage, du nouveau symbolisme que véhiculent les communautés. Les agents de pastorale marqués par un style d'efficacité moderne et par une logique cartésienne (aux distinctions précises) ont, pour leur part, du mal à comprendre la complémentarité religieuse qui peut s'instituer au niveau populaire, où la diversification des pratiques est vécue comme un élargissement des possibilités de protection. Pour le peuple, il n'y a pas d'exclusion mutuelle ou d'opposition entre religion populaire et religion plus sophistiquée, mais plutôt complémentarité. Souvent, toutefois, cela entre en conflit avec l'horizon cartésien des agents de la pastorale.

Le défi de l'impulsion missionnaire

Le second défi pour les communautés de base se situe dans le prolongement du précédent. Il est lié à la prise de conscience par l'Eglise brésilienne de son obligation missionnaire; au-delà des frontières du pays, *ad gentes*, comme l'a dit récemment la Conférence nationale des évêques, mais aussi à l'intérieur du pays, "spécialement dans le Nord, le Nord-est, dans les régions de forte migration, dans les périphéries des grandes villes". Mais qu'elle est la vitalité missionnaire des communautés de base, en comparaison, par exemple, des pentecôtistes qui se développent tant? dans un article de 1984, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, un des conseillers écoutés des communautés du Brésil, disait que si leur capacité "à former des personnes de la base pour la militance politique" n'est pas douteuse, leur capacité "à influencer le comportement des masses" est moins assurée. Ce doute s'est renforcé au long des années et est actuellement au centre de l'attention. De même Joseph Comblin, analysant le rythme de développement du pentecôtisme dans les classes populaires du Nord-est, très supérieur à celui des communautés de base, insiste sur le besoin d'une dynamisation missionnaire de celles-ci.

Une grande partie de la population brésilienne demeure en fait en

marge de tout le travail de la pastorale populaire organisée, comme elle est peu touchée en réalité par les Mouvements populaires de caractère social et politique. Les observateurs les plus réalistes en font prendre conscience de plus en plus, et on commence à le percevoir aussi dans les résultats des évaluations en cours, nous l'avons vu, en plus d'un diocèse. Dans le document final de l'archidiocèse de Vitoria (évaluation de 1984 à 1987), on constate que "les plus pauvres ne participent encore que très peu à la vie de l'Eglise ou ne sont pas atteints par son action pastorale". La pastorale s'adresse à des "petits groupes" et ne touche qu'une faible part des catholiques. Parmi les secteurs de la population que l'on n'atteint pas du tout, les péons des grands domaines agricoles, les prostituées, les *boias frias* (travailleurs ruraux précaires), les pêcheurs, les Indiens sont mentionnés, et l'on souhaite la création de communautés nouvelles dans ces populations.

Bref, on ne peut échapper à la question de l'enracinement populaire du projet des communautés de base, pourtant tourné vers les pauvres. L'appartenance à ces "petits groupes" suppose une conversion dans la manière de vivre la religion, une rupture avec le traditionnel. Mais, du coup, il n'y a guère de continuité avec l'expérience du catholicisme populaire. Il faut avoir pu

entrer dans une dynamique "réflexive" de la vie de foi qui n'est pas courante.

Les membres des communautés eux-mêmes se perçoivent comme "différents", comme une "élite dans le peuple" qui doit se mettre en attitude missionnaire. Cette situation n'est pas toujours problématique; en certains cas, cependant, elle entraîne un sentiment de supériorité qui bloque la communication, provoque un isolement: il y a "ceux qui ont raison"... Comme l'a dit le grand compositeur brésilien Caetano Veloso, "Narcisse trouve moche tout ce qui n'est pas miroir". Facilement, on n'en tient à l'expérience du petit groupe où tous se connaissent, pensent et célèbrent de la même façon, partagent les mêmes convictions. Les autres ne sont pas "dans la course" (quand on ne dit pas qu'ils sont *alienados*). La communauté en vient à être un "monde complet par lui-même".

Parmi les facteurs qui rendent difficile l'ouverture vers l'horizon populaire plus large, il faut compter l'"identité éthique" construite au long du chemin. Analysant Sao Felix do Araguaia (Etat de Para), Pedro A. Ribeiro de Oliveira signale qu'une contradiction existe "entre les exigences éthiques de l'Eglise et la demande de la population catholique qui désire voir consacré son quotidien indépendamment de tout

engagement avec la cause des pauvres". Surtout, les communautés ne sont guère disposées à ouvrir leurs exigences éthiques pour gagner le peuple. On parle de "la nécessité de préserver une identité durement construite pendant le temps-de-guerre". Oliveira suggère comme solution une diversification des communautés, afin que leur expérience devienne davantage pluraliste.

Le problème est actuellement surtout d'approfondissement de l'option pour les pauvres. Ceci ne peut avoir lieu si l'on ne rejoint pas leur langage et leur perception des problèmes quotidiens, et si l'on ne rompt pas avec des attitudes de suffisance, d'"arrogance pastorale". Le défi de la mission est donc celui de l'inculturation et la nécessité de l'empathie, de la sympathie, de l'écoute, selon les requêtes d'*Evangelii Nuntiandi* du Pape Paul VI. Il s'agit de vivre l'envoi en mission "non pas comme une entreprise pour faire reculer ses propres frontières, mais pour expérimenter Dieu qui vit dans les frontières de l'autre" (Paul Suess).

Tout cela a rapport avec la communication, le langage, les symboles. Souvent le langage (moderne, du monde des Lumières) propre aux communautés de base ne favorise guère l'identification avec le peuple. Le message ne touche pas l'uni-

vers des pauvres. La pédagogie est à renouveler. Beaucoup se plaignent de la "rapidité avec laquelle on a changé", qui est responsable de "la faible assimilation de la part des uns" et de "l'éloignement pour d'autres", dit encore l'évaluation pastorale de Vitoria.

Le défi de la spiritualité

Les communautés ont toujours eu pour but de "suivre" Jésus. Elles ont été séduites par son exigence radicale. Elles sont porteuses de la "mémoire dangereuse" de Jésus, comme de son affirmation de la vie. Or suivre Jésus implique un triple mouvement: d'exode, d'engagement, de proximité. Dans les années soixante-dix et au début des années quatre-vingts les communautés du Brésil ont insisté sur la dynamique d'incarnation de la foi, sur la rupture des barrières de l'individu et sur l'engagement pour la cause des pauvres, sur l'urgence de la libération et de la réalisation de la foi par l'exercice de la charité politique. Le politique comme espace de sainteté. Nous avons une claire conscience qu'il ne peut y avoir de vie spirituelle sans cette dimension historique, sans solidarité effective.

Progressivement, au long de la seconde moitié des années quatre-vingts, accompagnant une crise des paradigmes de la modernité, une nouvelle perspective peu à peu

émerge: la conscience de la nécessité de suivre le Seigneur par la "proximité". Ce sentiment se généralise dans les années quatre-vingts-dix dans toute la pastorale populaire, et spécialement dans les communautés de base. Il s'agit toujours de vivre la pratique de libération, mais dans un esprit bien déterminé.

La spiritualité n'est-elle pas d'ailleurs une expérience intégrante qui favorise tout un climat? Expérience de rencontre aimante et d'intimité avec Dieu (Jn 1,39), qui découvre aux "agents enivrés du désir de l'histoire" une facette débordant la logique de productivité et d'efficacité, qui est joie et liberté intérieures. Cette étape nouvelle dans la vie des communautés ne signifie pas une négation de leur histoire antérieure, elles restent attachées à l'engagement dans la cause de la vie, mais la singularité qui se révèle est la redécouverte de la foi "comme grandeur autonome, valeur auto-finalisée, gratuite", selon des mots de Clodovis Boff. L'expérience de la foi n'a pas valeur seulement en fonction de la lutte, elle est vitale pour notre réalisation comme personnes. La proximité se dédouble en "exode" et en "engagement".

D'autres tendent à voir la communauté comme un lieu d'initiation pastorale, d'où l'on émigre vers le politique, comme cela c'est produit parmi des militants qui ne trouvent

plus dans les communautés l'aliment pour la nouvelle étape de leur engagement. D'autres encore rationalisent la compréhension de la foi de telle sorte que celle-ci finit par s'identifier avec un travail d'organisation populaire et une lutte. C'est dire la question de la spiritualité est devenue fondamentalement pour la consolidation des communautés.

Et il est intéressant de constater que cette demande survient au moment de l'émergence de nouvelles formes de la subjectivité. Un des traits de l'heure est l'apparition de "topologies neuves de l'individualité": "refus de sacrifier le bonheur personnel à des idéaux collectifs devenus incertains: recherche de réalisation au plan affectif; recherche de libération des rôles imposés par la société traditionnelle, en faveur d'une plus grande liberté des choix subjectifs; recherche d'une spiritualité plus personnelle" (ces expressions figurent dans une analyse faite par la Conférence épiscopale).

Ces nouvelles tendances marquent la vie des communautés de base, particulièrement parmi les agents pastoraux. On parle de "crise du militantisme", ou bien on se plaint de la "dilution du personnel dans le communautaire". On signale le cas de personnes chez qui l'engagement dans les communautés a provoqué un grave sacrifice de la subjectivité, qui a été réprimée, comme l'ont été, avec elle, l'affecti-

tivité, le symbolique, le gratuit. Dans cette effervescence subjective du moment présent au sein des communautés, on peut lire une réaction à l'activisme et à la "massification" du processus de modernisation qui a pénétré la pastorale comme toute la vie. Devant une culture de la rationalité instrumentale qui a colonisé le dynamisme vital, la renaissance de la subjectivité vient signaler une dimension de réalisation de l'homme dans laquelle celui-ci ne domine pas seulement le monde, mais avant tout cherche une raison de vivre.

Le défi de la spiritualité, comme les autres défis précédemment évoqués, s'inscrit dans un ensemble plus vaste encore de questions, qui seront certainement à l'ordre du jour des communautés dans les prochaines années: défi du pluralisme à l'intérieur des communautés; défi du

pluralisme des modes de participation sociale; défi écologique et défi de la "qualité de la vie"; défi de la relation avec les "non-pauvres", classes moyennes et milieux formateurs de l'opinion; défi de la relation avec la grande Eglise; défi des nouvelles exigences démocratiques... Multiples questions, considérables, mais qui ne me semblent pas retirer sa validité à ce qui anime depuis le début les communautés de base: la volonté de faire passer la foi dans la vie et l'option évangélique pour les pauvres. Ce qui se cherche actuellement, c'est la réalisation de tout cela, dans une synthèse nouvelle, prenant en considération tant de problèmes nouveaux.

Faustino Luiz Couto Teixeira

Etudes, décembre 1992

NOTIZIE

BUENAVENTURA (Colombia): Con gran entusiasmo y con la orientación del P. Marcos Ballabio se sigue impulsando la pastoral vocacional en el Vicariato de Buenaventura. Durante el mes de marzo se realizaron varios encuentros en la casa de retiros Bagno Regio, a los que asistieron un buen grupo de jóvenes con inquietudes vocacionales.

BUENAVENTURA (Colombia): Los Javerianos que trabajan en la Parroquia Sagrado Corazón en el Barrio el Firme, han remodelado la casa cural. La bendición se realizó en el mes de marzo. La responsabilidad y dirección de la obra fué iniciativa del P. César Reghellin, párroco del Firme.

KAMABAI (Sierra Leone): Pasqua indimenticabile per la comunità di Kamabai: sono stati amministrati 400 battesimi che con i 150 di Binkolo portano a 550 i battesimi tra i Limba di quella zona.

DHAKA (Bangladesh): Il giorno del Korbani (festa musulmana in cui con una ecatombe di tori e di capre si ricorda il sacrificio di Abramo), in una via principale di Dhaka, P. Arduino Rossi, in macchina, si è imbattuto in una processione di tori inghirlandati. Preso dal panico e dimenticando le sue ascendenze di contadino padano, suonò ripetutamente il clacson provocando le pacifiche vittime.

Un toro si lanciò contro l'auto e la sollevò da terra e continuò ad infierire contro la povera macchina finché, placato, rientrò nella processione. Solo a casa l'autista ebbe la forza di scendere dall'auto e di verificare i danni. Non molti, tutto sommato.

YAOUNDE (Camerun): L'Assemblea dei Saveriani del Camerun-Ciad si è trovata d'accordo per l'apertura alle vocazioni locali. Ha chiesto alla Direzione Regionale di riflettere sui programmi, sulle strutture e sul personale, rallentando il ritmo delle decisioni operative.

GOMA (Zaire): Les forces vives de Goma, animées par le P. Silvio, le 10 Mai ont organisé une manifestation pour demander l'arrêt immédiat des hostilités dans le Masisi. Elles ont lancé un message de paix qui a été lu dans toutes les langues parlées à Goma.

PARMA CASAMADRE (Italia): Sabato 22 maggio, con la partecipazione, in cattedrale, all'Ordinazione del sacerdote diocesano Don Ponci Francesco, le Comunità saveriane di Parma entrano nella Novena di Pentecoste. Questa solennità polarizza diversi altri avvenimenti vissuti ultimamente con intensità: la festa con le Sorelle Saveriane il 24 (anniversario del "Sì"); la messa alla Grotta a conclusione del mese di maggio, con la partecipazione di molti reduci e presieduta dal P. Generale; la vicinanza, con la preghiera e la sensibilizzazione, alle stragi che lacerano oggi l'Italia (bomba di Firenze) e il mondo (guerra nella ex-Jugoslavia, Somalia, Zaire...).

DESIO (Italia): E' riuscita molto bene la terza edizione della "Festa della Simpatia e Solidarietà tra i Popoli", che ha visto più di tre mila persone partecipare ai diversi appuntamenti, sabato 22 e domenica 23 maggio. Di particolare interesse la Tavola rotonda del sabato sera sul tema: "Dalla cultura della ostilità alla cultura della ospitalità: famiglie aperte sul mondo". Quattro famiglie (una brasiliana, una del Ghana e due italiane), sotto la presidenza del somalo sig. Vittorio, hanno testimoniato come esse realizzano nel quotidiano l'accoglienza e l'ospitalità.

SÃO FELIX DO KINGU, PA (Brasil): Il P. Danilo Lago ha inviato una vibrante protesta al Governatore dello stato del Parà e al Ministro della Giustizia del Brasile per la violenza della polizia nei confronti del Sig. Adamo Pereira, arrestato senza mandato il 26 maggio, picchiato barbaramente, e morto all'una del mattino del 27 maggio nella sala d'attesa della caserma.

MÉXICO, DF (México): Del 24 al 26 de mayo hemos hecho la evaluación final de nuestro andar comunitario. Precedidos por otras tres revisiones, estos días de confrontación con nuestro proyecto de Vida Comunitaria fueron pacíficos, de rico, profundo y amplio consenso.

SAN PIETRO IN VINCOLI (Italia): Nei giorni 26-27 maggio i Rettori delle Comunità Saveriane d'Italia hanno tenuto l'Assemblea primaverile. Si è rivisto l'anno comunitario che sta terminando, alla luce delle conclusioni del recente Capitolo Regionale. Era presente il P. Luigi Zucchini della Direzione Generale.

COATBRIDGE (Great Britain): May 29th: SX families and friends gathered in St Patrick's, the mother church of Coatbridge, to celebrate with

us the ordination of Joe Devine to the Priesthood. It was a great day enjoyed by all. Joe's first Eucharist was celebrated in the same church the following day at 12 noon.

MADRID (Spagna): Il P. Regionale, P. Marco Milia, P. E. García e S. Cimarro hanno partecipato all'ordinazione sacerdotale di P. Joe Devine, della Regione di Spagna, e hanno visitato le comunità saveriane della Gran Bretagna.

BUKAVU (Zaire): Le P. Zampese, promoteur et animateur du groupe "Jeremie", a livré avec d'autres prêtres ce message à la population de Bukavu: «N'attaquez pas le premier sous prétexte de vous défendre, car s'est ainsi qu'ailleurs on est arrivé au massacre fratricide et aveugle. - Dénoncez les personnes qui s'adonneraient aux agitations et aux troubles, qui qu'elles soient et d'où qu'elles viennent. - Favorisez le dialogue et les échanges en communautés pour trouver des solutions aux problèmes tribaux et aux autres. Travaillez à augmenter l'harmonie entre les enfants de Dieu, de "toute tribu, race, langue, peuple et nation" (Ap 5, 9)».

MAKENI (Sierra Leone): La Caritas e il Centro pastorale della diocesi attualmente stanno affrontando i problemi del rientro dei profughi: si tratta di rendere possibile il ritorno nella zona del Kono dove tutto è stato distrutto e di assicurare un tetto proprio in questa stagione delle piogge.

DESIO (Italia): Dal 31 maggio al 5 giugno si è svolta la seconda tappa della Scuola Animatori Missionari sul tema "I contenuti della missione". Animata dal P. F. Tosolini e da don Bruno Maggioni ha visto la partecipazione di dieci attenti confratelli, Animatori nelle comunità saveriane d'Italia.

WAYNE, NJ (USA): On June 1st we were graced with the presence of Fr. Joe Matteucig's family. They went back to Italy on June 10th, together with Fr. Joe, who leaves our Province after nine years of service in Vocation Ministry. He will be getting to Taipei before the end of August.

MÉXICO, DF (México): En estos últimos días hemos recibido visitas amables y fraternales de cohermanos de otras comunidades. Destacamos la visita de los tres candidatos para nuestra comunidad: Humberto, Agustín y Alejandro, que después de sus "aventuras peripecias" presentaron su examen de admisión con Jesuitas y fueron aceptados.

JAKARTA (Indonesia): Quattro studenti hanno terminato l'anno di pastorale ed esperienza missionaria a Sumatra e nel prossimo mese di agosto entreranno in Prima teologia (gli anni di teologia sono tre). Sono le nostre speranze per il futuro.

WAYNE, NJ (USA): Our VIII US Provincial Chapter decided to set aside a time of transition between the election of the new Provincial Administration and the effective taking over of the same. The purpose was to allow the outgoing Administration to bring to a close its mandate. For this reason Fr. Signorelli and his team assumed the responsibility of the Province on June 1, 1993.

VIENNA (Austria): P. Angelo Pansa sta partecipando, per conto del Tribunale Internazionale dei popoli, alla Conferenza Mondiale sui Diritti Umani, organizzata dall'ONU. Cercherà di essere presente ai dibattiti sui diritti delle Popolazioni Indigene.

BUJUMBURA (Burundi): Le elezioni sono andate bene dal punto di vista dell'ordine e della partecipazione. Il paese è tranquillo. Certo che chi ha perso e non se l'aspettava, non è contento: accetteranno i Tutzi di condividere il potere con gli Hutu? Riusciremo ad arrivare alle elezioni del parlamento senza colpi di mano?

CREMONA (Italia): La domenica 6 giugno, oltre 300 giovani hanno partecipato alla giornata "Un incontro per i giovani lontani", organizzata dal Gruppo Vocazionale, dall'Azione Cattolica e dal Centro Missionario Diocesano. Lo splendido clima creato dalle interessanti testimonianze fu completato dalla celebrazione eucaristica, presieduta dal P. Giovanni Montesi, Vicario Generale.

WAYNE, NJ (USA): Ednilson Turozi, Jorge Gonzalez and Paolo Gobbo spent a week in New Jersey (6/7-13) making a retreat in preparation to their ordination to the Diaconate which will take place in Chicago on June 27th. Chinh Ngo and Joe Vignato will be ordained with them, also.

SENNAN (Giappone): La festa del Corpus Domini anche quest'anno è stata celebrata nella diocesi di Osaka con dei piccoli congressi eucaristici zionali. Un'occasione per i cristiani delle nostre parrocchie d'incontrarsi e rinnovare il proprio impegno cristiano.

MÉXICO, DF (México): La última carta de Yaoundé nos propone un enlace entre todas las teologías en vistas al primer Centenario de nuestra Congregación. Compartimos la idea: habrá que concretizarla en sus modos y formas, tiempos etc.

FRANKLIN, WI (USA): The Annual Festival took place on the weekend of June 11-13. The weather was just about perfect, many people came, had fun, and enjoyed themselves while helping us. Everything went very well.

CASIRATE D'ADDA (Italia): Si è conclusa venerdì 11 giugno, presso la Scuola Media Statale, la "Festa delle differenze" con una interessantissima Tavola Rotonda su: "Tolleranza ed Inculturalità". Tra i vari enti che hanno patrocinato i sussidi che descrivevano i motivi programmati, vi era pure il CEM della nostra comunità di Brescia.

HOLLISTON, MA (USA): A beautiful week-end like that of June 12-13 saw a good crowd attend our Festival. It turned out to be one of the best in the past few years also weatherwise.

MÉXICO, DF (México): El Consejo Regional se reunió los días 14-17 de Junio en la casa de av. Zarco 44, siendo hospedados fraternalmente por el P. Pablo Zurlo y el P. Jorge Alvarado. Durante estos días se visitó la comunidad de Teología, la fam. Germán. Por último el P. Chuy y el P. Armando se presentaron ante la Secretaría de Gobernación para declarar los bienes que los Xaverianos poseemos en esta región.

JAKARTA (Indonesia): Il 15-16 giugno, nello studentato filosofico di Jakarta, si è tenuta la riunione della Commissione per la Formazione con tutti i membri del Consiglio Regionale. All'ordine del giorno: team formativi; Pre-noviziato; criteri di discernimento; linee comuni per la formazione; accompagnamento personale; sussidi per la formazione; progetto costruzione casa Pre-noviziato e Noviziato.

ROMA (Italia): Il 16 giugno il P. A. Ceresoli è rientrato dal Burundi dove è rimasto per un mese per ricerche inerenti al suo ufficio di Postulatore.

BURBANK/HAMILTON (Great Britain): Friday, June 18th, saw the Casey family unite together supported by parishioners from St. Cuthbert's, our SX family and friends, to celebrate the life of Danny Casey, who

passed away on Tuesday June 15, following a three year battle with cancer. Fr. Archie presided the Eucharist.

YOGYAKARTA (Indonesia): Il 20 giugno la ditta appaltatrice ha consegnato alla nostra comunità di Yogyakarta la casa della Teologia: le strutture sono terminate. Manca l'arredamento.

FREETOWN (Sierra Leone): Anche i Saveriani guardano con rinnovata fiducia al futuro della Sierra Leone: la guerra civile sembra avviata a conclusione dal momento che i ribelli non hanno più la possibilità di rifornimenti.

BUKAVU (Zaire): Nel Walikale-Masisi i massacri continuano senza sosta, nonostante la presenza di diversi gruppi di inchiesta nazionali. Due elementi nuovi, in fondo prevedibili: i rwandesi hanno cominciato a contrattaccare con armi da fuoco; nella città di Goma si consumano cruenti vendette tra i due gruppi in lotta, specie dopo l'arrivo massiccio di tanti profughi che hanno perduto familiari e beni.

ROMA (Italia): Dal 7 giugno il P. Amedeo Pelizzo è stato sollevato, dietro sua richiesta, dall'ufficio di Segretario Generale; gli subentra il P. Angelo Ulian. Al P. Amedeo è stata espressa, da parte del P. Generale, viva riconoscenza per la precisione, l'impegno, la delicatezza con cui egli per tanti anni ha svolto il compito di Segretario Generale.

ROMA (Italia): Il 20 giugno il Padre Generale e il P. Giacomo Rigali sono partiti per la Gran Bretagna per visitare le comunità della Regione e partecipare al Capitolo che avrà inizio il giorno 28.

I CONFRATELLI AMMALATI

Fr. Luciano Ghini: è dovuto rientrare dallo Zaïre. E' stato ricoverato in clinica chirurgica dal Prof. Maffei, per accertamenti.

Mons. Angelo Frosi: è stato operato il 12 giugno di otosclerosi all'orecchio sn. Il decorso post-operatorio è normale.

P. Camillo Olivani: è rientrato dalla Sierra Leone in condizioni abbastanza preoccupanti. Sono stati sufficienti alcuni giorni di attenzione particolare per abbassare la glicemia. Il Padre è ancora molto stanco e debole. Approfondimenti clinici e medici sono in corso.

P. Lino Pellerzi: è presente in Casa Madre per accertamenti e cure mediche.

P. Gaetano Perlini: trascorre a Kobe un periodo di riposo-ricupero dopo il suo ricovero ospedaliero durato un mese. Sta recuperando le forze.

Giuseppe Mattiussi, benemerito: da due mesi si nutre soltanto di liquidi ed è sottoposto a flebo. Potrebbe venir meno da un momento all'altro, tuttavia i farmaci gli consentono di avere la pressione stabile.

I NOSTRI DEFUNTI

Invochiamo la pace di Cristo Risorto

- La mamma di P. Lino Bellini (26.5)
- Don Primo Stefani, fratello del defunto P. A. Stefani (1.6)
- La zia Lia di P. Franco Bordignon (2.6)
- Il babbo di P. Alessandro Dell'Orto (12.6)
- Il babbo di P. Archibald Casey (15.6)

INDIRIZZI - TELEFONI- FAX

NUOVI O MODIFICATI

ANCONA

Fax 071/89.24.25

KHULNA - Casa Regionale

Tel. 041/61.201

SALERNO

Fax 089/79.20.51

ZAÏRE *(sostituiscono i precedenti)*

Pères Xavériens, C/o Hotel du Lac

CYANGUGU (Rwanda)

Fax 250/37.173

Pères Xavériens, C/o Kiosque Alpha

CYANGUGU (Rwanda)

Fax 250/37.154

Direttore Responsabile: P. Zucchinelli Luigi**Capo Redattore:** P. Ulian Angelo**Segretari di Redazione:** P. Pelizzo A. - P. Martini L. - P. Allevi E.

Corrispondenti

Amazonia	P. Trevisan R.	Giappone	P. Audisio M.
Bangladesh	P. Garelo S.	Great Britain	P. Ian Bathgate
Brasil	P. Mitidieri V.	Indonesia	P. Morini A.
Burundi	P. Marano C.	Italia	P. Ferro E.
Cameroun-C.	PP. Katindi - Trettel	México	P. Navarrete A.
Colombia	P. Anzanello G.	Sierra Leone	PP. Ghizzo - Caglioni G.
Deleg. Centr.	P. Ferrari G.	U.S.A.	P. Marangone M.
España	P. A. Rodriguez	Zaire	P. Pedrotti G.

